

IARA DE FREITAS FARIA

QUAL O PLURAL DE FEMINISMO?

UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO CANAL *JOUT JOUT, PRAZER*

Viçosa –MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

2018

IARA DE FREITAS FARIA

QUAL O PLURAL DE FEMINISMO?

UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DO CANAL *JOUT JOUT, PRAZER*

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Mazetti

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

2018



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Qual o plural de feminismo? Uma análise de conteúdo do canal Jout Jout Prazer*, de autoria da estudante Iara de Freitas Faria, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Henrique Mazetti – Orientador

Professor do curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

Doutor em Comunicação pela UFRJ

Profa. Eugene Francklin

Professora do curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFV

Mestre em Comunicação pela UFJF

Ana Paula Nunes

Mestranda em Letras pela UFV

Viçosa, 19 de novembro de 2018

Agradecimentos

Com os pés no chão e o coração tranquilo, termino a última etapa do curso que não só me formou como profissional, mas me ensinou tanto sobre a vida e sobre mim mesma. Realizar essa pesquisa me fez ter a convicção de que o feminismo faz parte de quem eu sou e de que essa é uma luta incessante, mas que vale a pena em cada segundo. Ninguém solta a mão de ninguém!

Quero agradecer primeiramente aos meus pais, Zázá e Mauricio, por toda a luta dos últimos anos para me ver formada. À minha mãe, por ser minha heroína, minha melhor amiga e meu primeiro exemplo de feminista. Ao meu pai, por me ensinar que ninguém pode dizer o que sou ou não capaz de fazer, a não ser eu mesma. Aos meus avós, Irene e Israel, agradeço por sempre me acolher sempre que precisei. A casa de vocês é um oásis de amor e paz em um mundo tão hostil. Eu amo vocês.

Às amigas de Viçosa, principalmente Julice, Juliana, Letícia e Raíssa, obrigada pelas risadas, pelas broncas, pelos abraços e por não permitirem que eu levasse a vida tão a sério. Vocês são especiais, cada uma à sua maneira. Sou grata por todos os nossos momentos juntas, os difíceis e os alegres. Vocês são fortes, admiráveis e eu torço para que sejam realizadas em tudo que quiserem fazer. A gente ainda se encontra por aí, de preferência em vários lugares ao redor do mundo!

Agradeço ao Renê, meu companheiro de todas as horas. Você foi e é luz no meu caminho. Obrigada por não me deixar afundar, por respeitar meu espaço e minhas lutas, por entrar nas mais aleatórias discussões filosóficas comigo e por me estimular a questionar tudo sempre. Eu que não acredito em destinos, sou grata pelo seu caminho ter cruzado o meu. Obrigada por acreditar em mim e pela quantidade absurda de doces que me trouxe nesses últimos meses.

Obrigada ao professor e orientador Henrique por ser a primeira pessoa que me ouviu falar da ideia desse TCC, por acreditar nela, por fazer o processo de realização desse trabalho se tornar mais claro e acalmar meu coração em cada reunião, semana após semana. Agradeço também a Viçosa e a UFV, lugares que eu escolhi chamar de casa e me ensinaram, muito além da teoria, o que é fazer jornalismo. Estudar em Viçosa é tão desafiador quanto um privilégio; levarei a UFV no fundo do coração como uma das melhores partes da minha vida até aqui.

Resumo

Atualmente fala-se muito sobre feminismo, na internet, nas redes sociais e fora delas. A presente pesquisa é um reflexo desse contexto de ativismo cada vez mais proeminente. Nosso objetivo foi interpretar e analisar o canal Jout Jout Prazer dentro de algumas vertentes do movimento feminista, para entender como essas correntes de pensamento eram trabalhadas, como surgiam e se entrecruzavam nos vídeos, identificando certos elementos dessas e estudando a forma como são acionados. Neste trabalho traremos um apanhado de referências teóricas sobre internet, Youtube e vertentes do feminismo, com a proposta de discutir a existência de múltiplos feminismos e a presença de deles no objeto de estudo escolhido. A partir dessas reflexões sobre gênero e ativismo, não buscamos encaixar o canal definitivamente em uma vertente, mas entender os significados implícitos em seu conteúdo, que expressam as opiniões e os posicionamentos que compõe o canal.

Palavras-chave:

Feminismo; Jout Jout; Youtube.

Abstract

Currently there is a lot of talk about feminism, on the internet, on social media and beyond. The present research is a reflection of this context of a more prominent activism. Our goal was to interpret and analyze the Jout Jout Prazer channel within some strands of the feminist movement, to understand how these function, how they emerged and intersected in the videos, identifying certain elements of the strands and studying how they are triggered. In this work we will present a collection of theoretical references about internet, Youtube and feminism, with the proposal to discuss the existence of multiple feminisms and the presence of them in the chosen object of study. From these reflections on genre and activism, we do not seek to fit the channel definitively into a strand, but to understand the meanings implicit in its content, which express the opinions and positions that make up the channel.

Key words:

Feminism; Jout Jout; Youtube.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – Teorias sobre a internet	10
1.1 Cultura da Internet	10
1.2 Youtube e vlogs	15
1.3 Ativismo e ciberfeminismo.....	18
Capítulo 2 – Vertentes do Feminismo	22
2.1 História e estudos de mídia.....	22
2.2 Feminismo Interseccional	25
2.3 Pós-feminismo	28
2.4 Feminismo na Teoria Queer	30
Capítulo 3 – Sobre Jout Jout	34
Capítulo 4 – Metodologia	38
4.1 Grade de análise dos vídeos	39
Capítulo 5 – Análise	41
5.1 Categorização de acordo com as vertentes	43
5.2 Feminismo Interseccional	43
5.3 Pós-feminismo	50
5.4 Feminismo na teoria Queer	55
5.5 Outros feminismos	62
Conclusão	66
Referências Bibliográficas	68

Lista de Figuras

Figura 1 Visão geral do canal <i>Jout Jout Prazer</i>	34
Figura 2 Playlists do canal	35
Figura 3 Alexandra, Ana Paula, Mariana e Júlia, respectivamente	44
Figura 4 Jout Jout e Nátaly Neri	47
Figura 5 Jout no vídeo <i>Seu textão não chega onde Fátima chega</i>	49
Figura 6 Jout Jout demonstrando pole dance	52
Figura 7 Pesquisa do Google com as palavras chave ‘pole dance’	53
Figura 8 Jout no vídeo <i>Vamos fazer um escândalo</i>	53
Figura 9 Debora, Jout Jout e Jéssica, respectivamente	57
Figura 10 Jout Jout no vídeo <i>Tá se achando livre?</i>	59
Figura 11 Júlia no vídeo <i>As pessoas não estão aí para agradar o seu senso estético</i> ..	60

Introdução

O feminismo passou por inúmeras ressignificações ao longo dos anos. Hoje, ele volta a pautar discussões públicas, conteúdos midiáticos, requerendo espaço e visibilidade. A própria denominação de “movimento” dá a entender como o feminismo é oscilante, em constante mudança e adaptação. Surgiram novas personalidades e conteúdos que buscam questionar o machismo e o patriarcado, um reflexo de como o feminismo vem permeando o nosso cotidiano. Júlia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout, é uma youtuber que desde 2014, vem fazendo vídeos com temáticas feministas, tratando de relacionamentos abusivos de forma leve e despreziosa, viralizando na internet.

O canal *Jout Jout Prazer* cresceu exponencialmente por conta desses vídeos, falando de um feminismo potencialmente mais acessível e atrativo para quem a assiste. Jout Jout produz conteúdo no YouTube desde 2014; inicialmente ela não se apropriava das discussões de do movimento, apenas pincelando algumas das principais pautas comuns a várias vertentes do movimento feminista, mas sempre se posicionando na perspectiva de aconselhamentos a partir de relatos baseados em suas experiências pessoais. Apenas meses depois a youtuber se declarou abertamente feminista.

Nessa pesquisa, nos interessa voltar o olhar especificamente para o conteúdo do canal de Júlia, dentro dessa plataforma que permite certa liberdade de exibição nos canais criados pelos próprios usuários, que é o Youtube. No contexto imediatista que vivemos, onde pessoas se comunicam, se conhecem, dão opiniões, fazem juízo de valor e falam de suas vidas por meio de canais como o YouTube, há uma certa tendência em abordar temas relacionados ao feminismo, ao empoderamento das mulheres. Considerando que hoje temos uma nova forma de nos comunicar através da internet e das redes sociais, interessa analisar os conteúdos desenvolvidos nesses meios para que possamos entender “o que” e “como” está sendo dito.

Segundo Jenkins (2009, p. 149),

O Youtube não somente mudou as condições de produção como também alterou os contextos de circulação e recepção: tais obras agora atingem um público maior por meio de seus canais de distribuição; há sistemas de crítica que concentram sua atenção em obras interessantes e novas; há pessoas que desejam encontrar e se envolver com conteúdos não comerciais; e consumidores que dialogam entre si quando produzem seus vídeos.

No canal aqui utilizado como objeto de estudo, *Jout Jout Prazer*, a youtuber Júlia Tolezano aborda temas do cotidiano, discute relacionamentos e comenta sobre

assuntos atuais e/ou relevantes social ou pessoalmente. Trata-se de um conteúdo baseado em situações do dia a dia, por vezes muito específicas, como reflexões sobre letras de músicas e recibos de compras. Em quatro anos de canal, Júlia postou 390 vídeos e teve 213.598.934 visualizações. Hoje, com 1.735.426 inscritos¹, tem uma periodicidade programada, com novos vídeos sendo postados às terças e quintas-feiras.

Essa pesquisa visa analisar o conteúdo de alguns vídeos da youtuber Jout Jout para identificar que elementos de diferentes vertentes feministas ela utiliza e em que contexto ela os aciona. A análise do conteúdo é aqui a base metodológica para questionamentos críticos da vida social em questão de política, poder e limites entre público e privado.

Quanto ao objeto aqui estudado, percebemos nos vídeos do canal Jout Jout Prazer, da youtuber Júlia Tolezano, a presença de um discurso predominantemente feminista: Jout Jout, enquanto mulher, jovem, feminista, dentre vários outros fatores, produz e veicula determinado conteúdo. Sua existência está situada em um tempo histórico, além de um espaço geográfico, sócio-político e econômico. Ela carrega crenças, valores culturais e sociais que são transmitidos em seus vídeos.

Nos vídeos de temática feminista, assim como tantos outros, existem subtextos atrelados ao conteúdo, por meio dos quais observamos como esse foi produzido, como se disseminou e como foi consumido pelo seu público, além de sempre estar inserido em um contexto social. Os sujeitos fazem escolhas de acordo com suas concepções e constroem referência de acordo com o que lhes é apresentado.

Portanto, partindo do princípio de que não há neutralidade em seu discurso, tudo o que Jout Jout transmite oralmente expressa sua posição social, cultural e ideológica. Essa produção de sentidos pode, ou não, ser feita de forma clara e explícita. A youtuber costuma deixar nas entrelinhas significados diversos, e cabe ao interlocutor buscar o sentido subentendido. Levando em conta a estrutura social implícita, buscamos compreender as mensagens do canal Jout Jout, Prazer e interpretar o sentido de seu conteúdo dentro de algumas vertentes do feminismo, para além do que é perceptível superficialmente.

¹ Dados coletados no dia 23 de maio de 2018.

1. Capítulo teórico sobre internet

Nesse capítulo faremos um breve apanhado histórico da internet, entenderemos como e se existe uma cultura formada e desenvolvida apenas dentro do meio digital, procuraremos esclarecer as particularidades das relações criadas dentro do Youtube e buscaremos apurar as diferenças entre o ativismo e o ciberativismo, próprio da web.

1.1 Cultura da internet

Para estudar o fenômeno do canal Jout Jout, Prazer precisamos antes tratar da cultura da internet. Levamos em conta aqui que não há como discernir onde começa e termina a presença da internet na sociedade, uma vez que ela não é apenas uma variável em uma equação; a internet a fator constituinte e estruturante da sociedade contemporânea. A constante presença da web na vida comum transformou o cotidiano dos indivíduos, tornando-se presente na vida dos mesmos por meio de inúmeras plataformas de conteúdo.

Uma das questões importantes sobre essas plataformas é o fato de que elas se configuram como um espaço de diálogo aberto que, em várias ocasiões, tais como a do canal aqui tratado como objeto de estudo, começa pelo entretenimento. A existência desses espaços de participação e compartilhamento instiga a pesquisa, trazendo uma grande fonte de novas discussões acerca do conteúdo e das relações travados no meio digital.

A internet foi criada em 1969 nos Estados Unidos, momento em que o mundo vivia o auge da Guerra Fria, com objetivos puramente militares. Nessa época, chamava-se *Advanced Research Projects Agency* (Arpanet) e tinha a função de interligar laboratórios de pesquisa, sem nenhuma pretensão de lucro empresarial. A partir de 1982, o uso da Arpanet tornou-se maior no âmbito acadêmico e em 1987, pela primeira vez foi liberado seu uso comercial nos EUA (Castells, 2004).

Em 1992 o Laboratório Europeu de Física de Partículas (CERN) inventou a World Wide Web, que começou a ser utilizada para colocar informações ao alcance de qualquer usuário da internet. E daí para frente, a difusão da rede foi enorme. Hoje, a internet tem mais de quatro bilhões de usuários em todo o mundo.

Isso demonstra que a internet está estabelecida na sociedade, permeando todo nosso cotidiano e habitando os mais diversos momentos sociais. De acordo com Castells (2004), “Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente.”.

Ela proporciona novos modos de comportamentos e interfere/canaliza novas formas de linguagem e discurso. A criação da Internet trouxe novas possibilidades para a comunicação, alterando a forma que a sociedade se relacionava como um todo. Novamente segundo Castells, “a Internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são”. A população profundamente influenciada pela possibilidade de se interligar com sujeitos de todo o planeta participa de uma cultura baseada na comunicação, onde segundo Castells (2004, p. 274),

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam [...].

O canal da youtuber Jout Jout é exemplo dessa nova maneira de se relacionar, na qual milhões de pessoas se encontram porque têm a possibilidade de se unir a outras pessoas com opiniões e visões semelhantes às dela mesma. Uma comunidade se organiza em torno do interesse comum pelo canal, fundando uma legião de fãs, seguidores e inscritos que foram denominados de Família Jout Jout.

O conjunto de tecnologias e redes, muito além do Youtube, criou e ainda cria novas formas de sociabilidade; nossa comunicação se reinventou, modificaram-se hábitos sociais, formas de consumo e ritmos de produção e propagação de informação. Ritmo esse que catalisou transformações sócio-culturais, deslocando nossas perspectivas para um futuro cada vez mais distante.

Para Lemos, hoje temos a necessidade de nos manter conectados e não apenas para receber informações, mas também emití-las. No meio digital, as mesmas pessoas que recebem e compartilham conteúdo podem também produzi-lo. Lemos aponta que a mudança de paradigma na comunicação alteraria para sempre as bases de processos tecnológicos contemporâneos. De fato, a esfera comunicacional torna-se (potencialmente) muito mais inclusiva, uma vez que, segundo ele (2010, p. 25)

[...] a liberação da emissão é correlata ao aumento da esfera pública mundial e da emergência de novas formas de conversação e de veiculação da opinião pública, agora planetária. A transformação da esfera midiática pela liberação da palavra se dá com o surgimento de funções comunicativas pós-massivas que permitem a qualquer pessoa, e não apenas empresas de comunicação,

consumir, produzir e distribuir informação sob qualquer formato em tempo real e para qualquer lugar do mundo [...].

A internet para Castells é um dos meios responsáveis pelas significativas mudanças nas formas de interação e manifestação da palavra, assim como a televisão também o foi, e o rádio antes dela. A evolução da cultura da internet já está tão infiltrada na sociedade que não há como distanciar uma da outra para estudá-las separadamente. De acordo com Castells (2004, p.287, In. MORAES),

Nesse sentido, a Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade que vivemos.

A sociedade que tem a internet como constituinte tem nas mãos várias formas de compartilhamento de informação, de emissão livre e cooperativa. As comunidades virtuais são permeadas pela troca, compartilhamento e construção de conhecimento coletivo. Nesse modelo *ciberdemocrático* de sociedade se desenvolve a ideia de inteligência coletiva. Jenkins trata desse conceito como algo que surge a partir de comunidades de conhecimento que se formam em torno de interesses intelectuais comuns, onde cada indivíduo constrói seu saber. Ao agrupar esses fragmentos de saber, forma-se a inteligência coletiva, que é elemento terminante para um modelo participativo de cultura.

O conceito de cultura participativa, também cunhado por Jenkins (2009), trata desta como um fenômeno atravessado pela criação e compartilhamento de conteúdos entre os consumidores de produtos midiáticos, impulsionados por um espírito de comunidade e criado pelas contribuições das pessoas.

As pessoas discutem, reagem, difundem suas críticas e elas demandam ser ouvidas. A colaboração crescente dentro de comunidades mostra que há um público mais participativo, mais conectado e que sabe como usar as redes. Segundo Jenkins (2014, p. 24),

Essa mudança – de distribuição para circulação – sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente mais um grupo de consumidores de mensagens pré-constituídas, mas como pessoas que estão moldando,

compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica.

Tomando o canal da Jout Jout como ponto de partida, compreende-se essa propagabilidade como a possibilidade de compartilhamento de conteúdos veiculados no canal. Essa difusão acontece por motivos próprios do público, que cria valor e significado em cima dos vídeos, e possibilita a formação de novas conexões e comunidades, por meio do papel ativo do indivíduo na estruturação e circulação de conteúdo. Esse papel é inclusive colocado em prática além das redes sociais e plataformas de conteúdo, sendo possível utilizá-lo no exercício do papel de cidadão, na reivindicação de direitos e na reconfiguração da sociedade.

Nesse sentido, o momento atual da nossa cultura pode ser tratado como de transição, considerando que a sociedade tem potencial de tornar mais informada e engajada, já que nunca antes houve tamanha participação coletiva em cima da criação de conteúdo. O compartilhamento, ainda que a princípio pareça desordenado, ajuda a expressar quem somos, fortalece relações e auxilia na construção de uma comunidade mais consciente. Jenkins resume isso ao dizer que “o compartilhamento da mídia além das fronteiras culturais aumenta a oportunidade de ouvir outras perspectivas e de desenvolver empatia por perspectivas diferentes da nossa” (2015, pag. 366). Ainda segundo Jenkins, o público não é apenas receptor, uma vez que tem opiniões e reflexões próprias (2015, p. 354).

Os membros do público usam os textos de mídia à sua disposição para estabelecer conexões entre si, para mediar as relações sociais e dar sentido ao mundo em torno deles. Eles se empenham, tanto individual como coletivamente, no modelo da propagabilidade. Eles não são meramente impregnados com mensagens de mídia, nem estão a serviço da marca. Em vez disso, selecionam o material que lhes interessa a partir de uma variedade muito mais ampla de conteúdo de mídia, em oferta (que agora inclui criações do público junto aos trabalhos produzidos industrialmente). Eles não apenas retransmitem textos estáticos, mas também transformam o material por meio de processos ativos de produção ou por meio de suas próprias críticas e comentários, de modo a melhor atender suas próprias necessidades sociais e de expressão.

Em teoria, quanto mais livremente podemos produzir, distribuir e compartilhar informação, mais inteligente e politicamente consciente a sociedade deveria ficar. De acordo com Lemos (20120, p. 28-29),

Hoje, com computadores e redes telemáticas transformaram-se em máquinas de comunicação, politizando a informação. O impacto é gigantesco e já está entre nós: novas formas de moderação da palavra, distribuição de conteúdo livre e em rede, emergência de um “jornalismo cidadão” [...], uso de tecnologias móveis para “reclamar as ruas” e realizar mobilizações políticas rápidas e descentralizadas.

Outro conceito que ajuda a se pensar o fenômeno do canal Jout Jout, Prazer, é o de “excedente cognitivo” desenvolvido por Shirky (2011). Essa ideia pressupõe que a soma de tempo, energia e talento das pessoas permite que os usuários, antes isolados, possam se reunir através da tecnologia das redes para realizar transformações. Porém, o tempo livre não é suficiente para que indivíduos se reúnam em torno de causas em comum. Segundo Shirky, a interseção entre meios de comunicação, motivos e oportunidades resultam na transformação do excedente cognitivo em bem social geral.

No âmbito do canal de Jout Jout, por exemplo, ele é o meio no qual os inscritos se mobilizam por causas coletivas. Esse tipo de participação é o que agrega valor aos usuários combinados, possibilitando mudanças no “mundo real”. Esse comportamento é possibilitado pela tecnologia, mas é criado pelos usuários que tomam partido em determinadas questões, motivados pela oportunidade de contribuir e participar. Ou seja, a capacidade do canal de ser um propulsor de alterações na vida em sociedade é ampliada pela participação do público enquanto grupo que interage.

Ainda para Shirky, o maior erro ao se pensar na mídia, é focar demais nas ferramentas e menos no efeito que ela causa e nos indivíduos que a utilizam. Compartilhar a informação é o que dá sentido à existência de mídia e a oportunidade de participar é o divisor de águas entre consumo e a criação efetiva de uma inteligência coletiva (2010, p. 15).

Algo que torna a era atual notável é que podemos agora tratar o tempo livre como um bem social geral que pode ser aplicado a grandes projetos criados coletivamente, em vez de um conjunto de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez.

O modo como esse excesso de conteúdo é tratado para extrair dele algum valor, torna-se uma questão social, pois define sua utilidade e/ou significado. Nos vídeos do canal Jout Jout, Prazer, a união de uma comunidade em torno do combate de questões como machismo, homofobia e exclusão social é o que define o valor do canal e tem potencial de fazer modificações na sociedade, uma vez que o que a porta-voz Jout Jout é

replicado milhares de vezes pelos mais de dois milhões de integrantes da ‘Família Jout Jout’, como a própria Júlia denomina os inscritos em seu canal, uma vez que a relação entre eles é profunda a ponto de ser quase familiar.

Não se trata mais de um futuro ainda por vir, e sim de ter-se outra relação com a informação e uma nova dimensão de vida em sociedade. Considerando que hoje temos essa nova forma de nos comunicar através da internet e das redes sociais, interessa analisar os conteúdos desenvolvidos no meio ‘Youtube’, dentro do canal da Jout Jout, para que possamos entender “o que” e “como” está sendo dito.

1.2 Youtube e vlogs

O Youtube é uma plataforma baseada na criação e compartilhamento de vídeos, sendo eles “amadores”, feitos pelos *youtubers/vloggers*, ou produzidos por grandes canais de televisão e gravadoras. Ele é também o segundo site mais acessado no Brasil e no mundo, ficando atrás apenas do Google². Lançado em junho de 2005, no início era uma plataforma simples, até mesmo devido às limitações de velocidade de *upload* e *download* da época. A compra do Youtube pelo Google em outubro de 2006 por US\$ 1,65 bilhão impulsionou a popularidade do site, que atualmente chega a ter, em números absolutos, 1,8 bilhões de usuários ativos por mês.

No caso do Youtube, o conteúdo gerado pelo usuário é o epicentro do desenvolvimento da plataforma. Com isso em mente, Burgess e Green entendem que “cada um desses participantes chega ao YouTube com seus propósitos e objetivos e o modelam coletivamente como um sistema cultural dinâmico: o YouTube é um site de cultura participativa” (2009, p.14).

Dessa forma, a sociabilidade perpassa o meio on-line devido às características de redes sociais, como a possibilidade de dar like e dislike nos vídeos, fazer comentários e mesmo compartilhar determinado conteúdo em outras redes e sites, com a fundamental diferença de que as conexões no Youtube não são feitas “adicionando amigos”, e sim se inscrevendo no canal a fim de acompanhar o conteúdo.

Transformando-se em parte do cotidiano e dos meios de comunicação, a partir dele os próprios youtubers tomaram status de celebridade, sendo assim os novos canalizadores de informação e opinião. De acordo com Jenkins (2009, p. 151),

O que há de revolucionário no Youtube é que ele representa, nos termos de Levy, “uma apropriação normal, calma e embasada do discurso”, um site em que a mídia de massa é citada e recombina, em que a mídia caseira ganha acesso ao público e várias subculturas produzem e compartilham mídia.

Como descrito na seção anterior, o conceito de cultura participativa se resume no envolvimento do público na criação e circulação de um conteúdo, possibilitado pela maior acessibilidade aos meios digitais. Essa situação pode também envolver certa flutuação na relação de poder entre mídia e consumidor, uma vez que o usuário torna-se produtor. De acordo com Coruja (2017, p. 26)

Dessa forma, o compartilhamento de conteúdo, seja ele comercial ou amador, produzido por grandes empresas ou gravado em baixa qualidade em celulares, é o que dita o valor de um vídeo, dentro da lógica da circulação de conteúdos que o modelo da cultura participativa propicia.

O meio digital impulsionou a criação de um novo formato de vídeo próprio para a Web, apresentando características específicas no tempo de duração, o modo de produção e circulação. Assim, o Youtube firmou-se ao longo do tempo como um modelo de negócio eficiente, baseado no fundamento de um espaço comunitário motivador de expressões pessoais, afinal o conteúdo gerado por usuários ‘comuns’ é o que alimenta o site.

Porém, embora o Youtube tenha sido desenvolvido com foco no conteúdo gerado por usuários (UGC, *user-generated content*), ele pende entre as lógicas de comunidade e de comercial. Esse mesmo conteúdo criado por usuários tem valor de mercado, principalmente quando reúne algumas questões como popularidade, visibilidade, rentabilidade e autonomia, dando abertura para o marketing dentro dos vídeos (Meili, 2011).

Utilizando-se da ideia de propagabilidade formulada por Jenkins (2014), percebemos que quanto maior for a visibilidade e a relevância de um conteúdo, maior é o valor dele e mais passível de ser compartilhado ele é. Como explica Coruja (2017 p. 26),

Dessa forma, o compartilhamento de conteúdo, seja ele comercial ou amador, produzido por grandes empresas ou gravado em baixa qualidade em celulares, é o que dita o valor de um vídeo, dentro da lógica da circulação de conteúdos que o modelo da cultura participativa propicia.

Essa nova indústria audiovisual modifica também os limites entre profissional e amador. Segundo Meili (2011, p. 55) o campo do audiovisual tem especificidades técnicas, econômicas e sociais, além de uma estrutura que deve ser levada em conta para qualificar um produto enquanto algo profissional e passível de comercialização.

Entretanto, quando um amador começa a atingir padrões superiores de qualidade e técnica, as tradicionais barreiras de hierarquia passam a ser reformuladas. Esse novo modelo de amadorismo, que traz padrões e conhecimentos profissionais, modifica a indústria com formas inovadoras e adaptadas de se produzir o audiovisual. Ainda segundo Meili (2011, p. 58),

Quando essas pessoas estão conectadas em rede, podem ter um impacto enorme na política e na cultura, na economia e no desenvolvimento, atingindo metas anteriormente conquistadas apenas por grandes organizações profissionais. É por isso que a tecnologia desempenha um papel extremamente valioso nesse movimento, que são as redes digitais e o barateamento de equipamentos. O que ocorreu na astronomia ou na música, também ocorre no campo audiovisual, quando vemos inúmeros *videomakers* emergindo, divulgando seus trabalhos no *YouTube*, com produtos de qualidade profissional (não somente no que se refere à criatividade, mas também às próprias técnicas de produção).

Nesse contexto em que o amadorismo perde o caráter pejorativo e se reinventa para criar conteúdos com qualidade cada vez maior, cabe falar sobre o vlogs. Os blogs e vlogs são uma evolução dos antigos diários. Um vlog seria, no Youtube, o canal em que o indivíduo compartilha suas respectivas produções audiovisuais. Esse espaço é como um confessionário moderno, um meio termo entre a exposição do sujeito e o anonimato completo, uma vez que, mesmo sendo veiculado em uma plataforma pública, pode ser gravado na privacidade do quarto. É o caso de Jout Jout, que começou o canal para falar sobre assuntos banais que a incomodavam, porém, mais do que isso, para perder a timidez e lidar com seu medo de críticas.

Assim, os *vlogs*, tornaram-se uma forma importante de expressão dentro do Youtube, sendo considerado como um gênero próprio de produção audiovisual na web, como salienta Coruja (2017, p. 62),

O *vlog*, fruto da cultura do quarto, faz parte de um modo de produção próprio que os usuários possuem competência cultural para reconhecer e pode ser considerado como um gênero de produção emblemático no YouTube.

Voltando ao exemplo do objeto aqui estudado, percebe-se uma evolução do canal e da relação da *youtuber* com o público de acordo com o passar do tempo. Embora a plataforma tenha sido pensada para reunir participações individuais, os usuários se apropriaram do meio de modo a mudarem a forma de utilização do mesmo. No canal Jout Jout, Prazer estabeleceu-se uma relação entre os inscritos profunda a ponto de serem chamados de Família Jout Jout, uma comunidade articulada em torno de um único ponto em comum, o canal que seguem. Quanto à Jout Jout, o medo de críticas que a própria Júlia admite ter em seu livro *Tá Todo Mundo Mal* (TOLEZANO, 2016), parece se dissipar ao longo dos vídeos, tornando o canal mais profissional e relevante. O engajamento cresceu e a *youtuber* ganhou status de celebridade na internet.

É justamente a partir desse engajamento que catalisa reações entre os usuários, que nasce nos vlogs a possibilidade de disseminar reflexos na sociedade fora do meio digital. Segundo Dornelles (2015, p. 9),

Além do caráter autobiográfico, os vlogs possuem outras características a serem ressaltadas. Uma delas é a de denúncia social, crítica ideológica e crônica do cotidiano. Estes canais de interação no ciberespaço também têm possibilitado o crescimento de críticas e denúncias sociais, assim como o debate sobre temas de interesse comum, o compartilhamento de opinião sobre produtos e serviços e construção coletiva do conhecimento e da informação.

Porém, sendo o Youtube algo relativamente novo, é necessário lembrar que ele, assim como tantos outros canais, traz apenas novas possibilidades para a prática já existente do ativismo. A vantagem que trazem é de reunir e unificar comunidades. Segundo Jenkins (2009, p. 370), “produtores de conteúdo com os mais diversos temas e fins operam juntos, compartilhando do mesmo portal para fazer circular questões, criando assim novas comunidades e formas de socializar o conhecimento”. Trataremos disso no capítulo a seguir.

1.3 Ativismo e ciberfeminismo

O feminismo, enquanto movimento social, pode ser interpretado como uma rede complexa de sujeitos articulados que interagem por terem objetivos em comum, visando a defesa de determinados pensamentos e indivíduos por meio de projetos e transformações. No contexto previamente apresentado de uma sociedade profundamente

afetada pelo uso da internet, os conceitos de mobilização e de ação coletiva são atravessados pelos efeitos da comunicação em rede.

Autores como Lemos (2010) e Jenkins (2014) apontam que o ciberespaço é, em sua essência, político e a internet estaria caminhando cada vez mais para um futuro de novas modalidades de emissão livre e novas formas de compartilhamento de informação. Redes como o Youtube e seus variados canais prestam um serviço às práticas do ativismo ao viabilizar a visibilidade do mesmo. Além de desenvolver um processo de informação, esse tipo de conteúdo engajado auxilia na construção de sentido acerca das enunciações dos movimentos. De acordo com Lemos (2010, p. 28),

O uso tático e ativista [da internet] também não pode ser negligenciado. [...] A expansão da conexão e a liberação da emissão são instrumentos fundamentais dos mídia-ativistas para as transformações sociais e políticas. O uso de ferramentas de comunicação sem controle da emissão, produzido por vozes livre e independentes, busca reconfigurar a cultura política contemporânea. O objetivo é utilizar o potencial das ferramentas comunicacionais digitais para a expressão livre dos movimentos sociais e das articulações e reivindicações político-ativistas.

Quando se fala em ‘ciberativismo’, ou seja, o ativismo próprio da web, percebe-se que essa prática de fomentar debates sobre lutas sociais por meio do *vlogging* tem peculiaridades, já que se trata da criação de novas comunidades e de formas de compartilhar o conhecimento. Um dos métodos utilizados nessa prática é a escrita de si mesmo, o que traz identificação dos expectadores que sofrem das mesmas privações com o conteúdo reproduzido nos vídeos. Segundo Jenkins (2009, p.151),

O Youtube é um espaço compartilhado no qual muitas vertentes culturais de intersectam e produtores de mídia com “motivações diversas” acabam por criar áreas de atrito entre si. As inovações se alastram rapidamente em um contexto que permite que experimentações dentro de uma comunidade se espalhem para outras; grupos que de outra maneira teriam pouco ou nenhum contato entre si acabam gerando novos modelos híbridos de políticas culturais que confiam em alianças temporárias ou táticas em prol de seus interesses.

Pode utilizar esse conceito para interpretar as relações entre o público da youtuber Jout Jout, uma vez que essas pessoas com as mais variadas vivências se identificam com ela ao se verem nas mesmas situações de crises, machismo e opressão pelas quais ela passou e que ela relata em seus vídeos. Atualmente, através de redes sociais movimentos são difundidos, articulados e tomam proporções intercontinentais. O avanço de tecnologias da comunicação possibilitou a construção de novas subjetividades e a reorganização de movimentos sociais, tais como o feminismo.

De acordo com Tomazetti e Brignol, a mídia tem uma relevância paradoxal na luta feminista, já que é tanto “fonte para visibilidade e projeção das mulheres, quanto como mantenedor da ordem da dominação masculina através das representações e estereótipos de gênero” (2015, p. 37). Dessa forma, o feminismo tem a difícil tarefa de construir um conteúdo próprio e que busque empoderar mulheres, utilizando-se dos meios de comunicação no enfrentamento de discursos dominantes, porém mantendo uma postura crítica frente a essa mídia que busca a manutenção da opressão feminina. Assim, pela necessidade de se provocar mudanças efetivas na sociedade, o movimento feminista passou a se organizar sistematicamente em espaços de comunicação que ampliam o próprio lugar de atuação do movimento e a participação de mulheres. Conforme Tomazetti e Brignol (2015, p. 40),

Dessa forma, arquitetam-se redes de comunicação feminista na internet e fora dela, nas quais as relações entre conteúdos produzidos em blogs, em sites e em redes sociais (online ou offline) passam a ampliar a agenda cidadã e conformar táticas de organização. A amplitude dos campos de ação é notável, e a convergência entre as dinâmicas e práticas de ativismo tradicionais com o universo digital e suas possibilidades é sintomática do diagnóstico e autocrítica feminista a respeito dos espaços em que vigoram as estruturas de ação e dominação.

Em meio a essas modificações, surge uma prática feminista em rede que visa desmistificar paradigmas da sociedade através do uso da tecnologia. O ciberfeminismo surge “como uma proposta de reinvenção de outros feminismos a partir da ótica das novas tecnologias de comunicação” (Gazire Lemos, 2010). Grupos ciberfeministas com diferentes propósitos utilizam a Internet para se aproximarem e discutirem suas experiências em conjunto, e os vídeos de Jout Jout parecem ir ao encontro dos fundamentos ciberfeminismo ao debater questões como a assimetria de gênero, o corpo feminino como espaço de luta política, a representação do feminino dentro da ficção e as tecnologias para a padronização estética do modelo de beleza feminino.

O ciberfeminismo renova o movimento, possibilitado pela facilitação da comunicação pela internet. Segundo Tomazetti e Brignol, (2015, p.38),

Em confluência com as potencialidades comunicativas das redes técnicas e digitais, o feminismo vem a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos. Na perspectiva de criar espaços alternativos de visibilidade, no qual as mulheres poderiam protagonizar posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras, produtoras e transmissoras de conteúdo, já nos anos de 1990, diversos grupos feministas se lançam na disputa pelo terreno comunicativo da internet.

Com a ascensão do feminismo na internet e em meios comerciais, surgem coletivos feministas na mesma proporção que grupos contrários. Com essa nova maneira de articular feminismo e ativismo na web, ampliam-se as discussões. A comunicação é afetada pela rede e percebe-se que um “trabalho sutil de apagamento do feminismo se torna visível” (McRobbie, 2006).

Ao mesmo tempo em que os movimentos surgem na internet, usando esse espaço para ativismo e disputa política, cresce um discurso feminista difuso, genérico e desvinculado de movimentos sociais. Utilizando de termos como sororidade, igualdade e liberdade, formou-se um conteúdo nem sempre coerente, nessas discussões em espaços da internet, seja em vlogs, grupos de discussão no Facebook ou canais no YouTube. Ainda assim, arquitetam-se redes de comunicação feminista dentro desses espaços, onde o conteúdo das discussões propostas impulsiona o movimento a discutir, argumentar, incorporar outros conflitos e demandas.

2. Vertentes do feminismo

Nesse capítulo faremos um resgate às questões do feminismo desde seu início, discutindo as questões das ‘Ondas’. Em seguida faremos uma revisão teórica a fim de entender a fundo cada vertente do movimento feminista, focando em três delas, que serão utilizadas para entender melhor os posicionamentos do canal Jout Jout Prazer.

2.1 História e estudos de mídia

Interessa a este trabalho compreender, a partir de uma análise dos vídeos da youtuber Jout Jout, de que forma as pautas feministas têm sido veiculadas como produção de conteúdo e sentido em seu canal. Além disso, buscamos investigar como diferentes vertentes feministas são articulados dentro da linguagem da youtuber e da plataforma, operando, discutindo e popularizando a agenda feminista.

Primeiramente, deve-se haver uma distinção dentro do próprio movimento feminista, gerador de questionamentos, teorias e que demanda mudanças na sociedade. Não existe apenas um feminismo, nem enquanto corrente intelectual, nem enquanto movimento. Portanto, seria mais correto e inclusivo falar sobre ‘feminismos’, já que existe uma pluralidade de perspectivas, que é o que está em pauta nessa discussão sobre o tema.

O feminismo é, na visão de Coruja (2017), repleto de particularidades dentro das próprias vertentes, retratando um conjunto de idéias onde as mesmas posturas se cruzam em correntes distintas. Enquanto movimento político, ele surge efetivamente na virada do século 18 para o século 19 e pode ser interpretado como um efeito inesperado da Revolução Francesa, já que quando os manifestantes reivindicavam por igualdade, não pensavam em igualdade de gênero. A partir daí surgiu o que seria chamada posteriormente de Primeira Onda do feminismo. Segundo Coruja (2017, p. 69),

Se convencionou a chamar de “ondas” as fases pelas quais passou o feminismo. Essas ondas, que também podem ser pensadas como momentos, dizem mais respeito a conjunturas e ideias do que a um conceito fechado em datas bem marcadas. Existe uma série de críticas a esse tratamento, por dar uma ideia errada de que, no momento em que as reivindicações da primeira fase fossem alcançadas, se inauguraria uma próxima. E a história bem mostra que não é isso que acontece.

Por conta da dificuldade de narrar a história do movimento feminista de forma progressiva e linear, seguiremos a opção tomada por Pinto (2010), de "perseguir tendências", ou seja, tentar reconhecer e estudar o movimento em sua pluralidade,

dentro de um campo onde lutas particulares e políticas se entrecruzam. Ainda segundo a autora, pode-se perceber o feminismo a partir de sua história e de sua produção teórica.

Se na supracitada Primeira Onda, as chamadas *sufrajetes* lutavam principalmente pelo direito de votar, na Segunda Onda as críticas à sociedade e reivindicações das feministas eram mais amplas. De acordo com Pinto (2010, p. 16),

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

A autora ainda cita que, nos anos 60 o cenário político em lugares como a Europa e os EUA era “propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias” (p. 16), porém nessa época o Brasil vivia um momento de repressão da luta política onde qualquer manifestação de feminista era considerada perigosa. Com o fim do regime militar nos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência, passando a tratar de um gama muito maior de assuntos, como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo. Essa junção de pautas é o que auxilia na criação de um Feminismo Interseccional, a ser tratado mais à frente.

Segundo Costa (2002), essa incorporação de discursos resultou em uma variedade de feminismos, fato que não fragmentou nem enfraqueceu a importância política do feminismo, uma vez que é vital a “construção de articulações entre as diversificadas posições de sujeito, o que por sua vez compõe a força específica do feminismo diante dos outros movimentos ou discursos sociais” (p. 61).

Ainda sobre a Segunda Onda, é vital compreender que, assim como a Primeira, ela se desdobra em um momento de mudanças políticas e econômicas significativas e que não acontece em todos os lugares ao mesmo tempo. Por exemplo, a obra “O segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir (1949) é um marco para o feminismo, não apenas da época, mas até hoje, incluindo contribuições da autora estão principalmente questões referentes a papéis de gênero e socialização de gênero.

Parece consenso entre as autoras que tempos de efervescência política são favoráveis para a expansão do feminismo. Os anos 1960 nos Estados Unidos, com a Guerra do Vietnã, na América Latina com a implantação de ditaduras e crescimento dos

partidos de esquerda na clandestinidade, são tempos e eventos que marcam a consolidação desse segundo momento do feminismo.

Em uma conjuntura sócio-histórica, apesar de terem se passado quase cinquenta anos desde a eclosão do feminismo no Brasil, ainda há diversas reivindicações a serem atendidas. Do direito ao voto à sanção da lei do feminicídio, as ações do movimento feminista são decisivas para a conquista da igualdade de gênero. Não obstante, tão pertinente quanto o movimento é a teoria, ou seja, os estudos acadêmicos voltados às questões da mulher. Uma deve interagir dialeticamente com a outra em vez de se criar ativismos vazios de significado. As pesquisas acadêmicas voltadas às questões feministas são fundamentais para interpretar e alargar discursos de modo a tornar as relações sociais das mulheres analisáveis nas diferentes esferas sociais, culturais e econômicas. Coruja (2015) define o desenvolvimento da corrente feminista acadêmica como uma Terceira Onda, quando começa a se falar sobre “gênero”, um conceito que surge para suplementar o de “sexo”, não para substituí-lo.

A opinião geral de Rago (1998) é de que a pesquisa feminista de mídia hoje se encontra em expansão, principalmente devido ao esforço de uma forma alternativa de produzir conhecimento científico, articulada em torno de fatores que se como gênero e poder, raça, sexualidade e classe. A pesquisa feminista seria então uma metodologia onde as esferas política, teórica e epistemológica são pensadas juntas para compreender e criticar a posição da mulher na sociedade.

A existência de uma teoria feminista é relevante nessa pesquisa não apenas por essa mesma se tratar de uma análise que busca seguir um projeto de ciência feminista, mas também por ser um estudo feito para investigar e debater o papel de uma youtuber mulher e feminista na articulação de questões de gênero.

Para Rago (1998), não há dúvidas de que o “modo feminista de pensar rompe com os modelos hierárquicos de funcionamento da ciência e com vários dos pressupostos da pesquisa científica” (p. 10). Ou seja, a epistemologia feminista vem sendo uma forma específica de produção de conhecimento potencialmente emancipadora.

Partindo do princípio em que não é possível haver imparcialidade frente a um assunto tão relevante e significativo no contexto sociopolítico presente, cria-se uma nova relação entre teoria e prática. Sobre essa nova forma de se fazer ciência, Rago ainda diz que (1998, p. 11),

Delineia-se um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto.

Os estudos feministas seriam então pioneiros na dinâmica de tratar sobre multiplicidades temporais, fora do conceito de uma evolução permanentemente linear nos processos históricos, considerando inúmeras nuances que afetam as vivências das mais diversas mulheres. Agora é necessário direcionar o olhar para o(s) feminismo(s) dos nossos dias.

2.2 Feminismo Interseccional

Como falado anteriormente, a Primeira Onda do feminismo brotou em meio a um momento de profundas mudanças sócio-políticas, levando várias mulheres a reivindicarem direitos primordiais como o de votar e ser parte integrante da vida política em sociedade. Porém, de acordo com bell hooks, essa busca pela ampliação de direitos deixava de fora uma gama enorme de mulheres trabalhadoras ou escravas (quase em totalidade negras), porque não considerava que as mulheres brancas que dominavam o discurso feminista tinham “pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista.” (2015, p. 196). hooks ainda analisa (2000, p. 23-24):

Embora as mulheres negras estivessem ativas no movimento feminista contemporâneo desde a sua criação, não eram os indivíduos que se tornaram as “estrelas” do movimento, que atraíram a atenção dos meios de comunicação de massa. Muitas vezes as mulheres negras que atuam no movimento feminista eram feministas revolucionárias (como muitas lésbicas brancas).

Via-se aí a necessidade de uma nova interpretação do feminismo com recortes que considerasse as diferentes opressões sofridas por diferentes mulheres. Em 1989, a professora norte-americana Kimberlé Crenshaw elaborou o termo interseccionalidade. O conceito, porém, já existia, mas ela ligou um nome à causa, pois, segundo ela, era importante as leis-antidiscriminatórias levarem em conta aspectos como raça e gênero em decisões jurídicas, uma vez que eles estão interligados. A definição segundo a autora é que “mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade” (1991), ou seja, diferentes mulheres sofrem diferentes níveis de

opressão e a ideia geral da interseccionalidade é ajudar a incluir questões raciais, sociais, de classe e de orientação sexual nos debates sobre gênero e direitos humanos.

Ou seja, alguns grupos de mulheres são obrigados a lidar com múltiplas facetas de preconceito, dividido e empilhado em diversas camadas. Não há um tipo de feminismo que caiba a todas as mulheres. Uma mulher sofre com o machismo em vários momentos da vida, uma mulher negra sofre com racismo e machismo, uma mulher trans, sofre com machismo e transfobia. São inúmeros conceitos e violências diárias a serem consideradas quando tratamos de interseccionalidade.

O feminismo interseccional, como o nome já infere, diz respeito à interseccção entre vários fatores de opressão. Enquanto vertente do movimento feminista, o feminismo interseccional é possivelmente uma das linhas de pensamento dentro dele, que mais busca incluir mulheres com diferentes experiências de vida. A interseccionalidade diz respeito às junções ou recortes de opressões e vivências que devem ser feitos quando se analisamos as estruturas sociais de dominação e exploração, assim como os sujeitos que são atingidos por elas, sendo os desfavorecidos o foco dessa vertente. Defende-se o recorte de gênero, de condição de gênero, de etnia, de classe, de orientação sexual, reconhecendo que as mulheres não sofrem todas juntas as mesmas opressões, uma vez que o sistema patriarcal não é o único opressor existente, podendo haver outros sistemas de opressão que envolvem etnia, classe, sexualidade, etc.

Autoras como Davis e hooks são grandemente relevantes para o feminismo interseccional por tratarem de um recorte significativo, que é o fator de opressão racial. Davis resume a o feminismo interseccional dessa forma (DAVIS *apud* HENNING, p. 98-99):

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para novas e frequentemente não-ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma camisa-de-forças normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável.

Porém, o recorte racial não é o único a ser tratado na vertente interseccional. De acordo com Coruja (2015, p. 81),

Esse trabalho interseccional, principalmente, ficou conhecido como feminismo negro, apesar de o termo não ser adotado por todas as teóricas. A própria bell hooks trabalha a interseccionalidade, mas diz que isso é feminismo, apenas. O importante é entender que é manifestada a necessidade de o feminismo, como tal, levar em conta as particulares e experiências de mulheres negras e pobres e saber que suas pautas e seus lugares na opressão não são os mesmos.

O mais importante no feminismo interseccional seria justamente a consideração de se debruçar sobre as vivências diversas das mulheres. Nessa instância, é importante lembrar que nos anos 1980 surgia uma crítica que buscava ir além das diferenças sociais que recortavam as questões da mulher, mas também considerando o conceito de gênero, tal como ele era pensado até então. Ao mesmo tempo em que a noção de interseccionalidade abre espaço para análise de contextos específicos de injustiças sociais, ela também tem potencial para analisar e jogar novas visões em cima do desmonte e desconstrução de desigualdades.

A autora Arcoverde defende a interseccionalidade como uma paradigma rico, que atuaria positiva e potencialmente no desenvolvimento de uma sociedade mais acolhedora para diferentes classes de indivíduos (2016, p. 9-10).

A propósito da referida dimensão de militância, observa-se que a riqueza do paradigma interseccional pode ser acrescida também de um caráter emancipatório que, longe de congelar as subjetividades e a agência das mulheres em um quadro teórico monológico, libera-se, o que lhe permite viajar através dos campos de significação e em razão das realidades materiais, históricas e contextuais, tornando-se um paradigma possivelmente mais inclusivo e politicamente mais solidário.

Agora, tratemos dos motivos pelos quais essa vertente, paradigma ou corrente de pensamento é útil na interpretação do canal Jout Jout Prazer. Além do objetivo principal dessa pesquisa ser justamente analisar o conteúdo de certos vídeos para identificar a presença de certos elementos e construções de diferentes vertentes feministas que ela utiliza, a vertente interseccional do feminismo é necessária para percebermos o contexto em que a youtuber aciona esses elementos, uma vez que há a presença de vídeos colaborativos com outras mulheres, sendo elas negras, de diferentes classes e orientações sexuais. Portanto, uma vez que Jout Jout é uma mulher branca, heterossexual e de classe média, o paradigma interseccional e os vídeos em conjunto com outras mulheres auxiliarão na pesquisa e percepção dessa vertente no canal Jout Jout, Prazer.

2.3 Pós-feminismo

Dentre os anos 1970 a 1990, começou a se fazer perceber um enfraquecimento do feminismo, que parecia estar sendo repensado em uma outra perspectiva, determinando o fim do mesmo como era conhecido. Segundo McRobbie (2006, p. 60), o feminismo foi, em determinado momento, “transformado em uma forma de senso comum gramsciano, enquanto também foi ferozmente repudiado, quase odiado”. Com isso em mente, Coruja (2015) define que “esse processo de vilanização andou sempre lado a lado com o processo de construção. Sempre existiram grupos, mesmo de mulheres, que antagonizaram o movimento e salientavam esse não-feminismo”. Hawkesworth aponta (2006, p 239):

Um fenômeno estranho acompanha o crescimento sem precedentes do ativismo feminista pelo mundo: a declaração recorrente da morte do feminismo. Desde os anos 1970 até o novo milênio, jornalistas, acadêmicos e mesmo algumas acadêmicas feministas declararam o fim do feminismo e saudaram o advento da era pós-feminista.

A ideia de pós-feminismo é polissêmica, podendo ser interpretada em uma ótica mais otimista, de empenho em celebrar a mulher e sua força, ou puramente como um trabalho de sutil apagamento das questões do próprio feminismo. A própria divisão do feminismo em “ondas” e vertentes dá a ilusão de que o feminismo é um movimento coeso com começo, meio e fim e que, portanto, já alcançou seus objetivos e o que vivemos agora é o pós-feminismo. Hawkesworth ainda diz (2006, p. 270):

As estruturas de movimento social também tendem a reduzir as metas feministas àquelas mais adequadas a questões legislativas. Uma vez que estas tenham sido aprovadas, o feminismo é considerado obsoleto. Assim, enquanto a concepção de feminismo como movimento social realça uma forma de ativismo feminista em certos períodos, tem o irônico efeito de declarar o feminismo morto, muito antes de as feministas terem alcançado as transformações sociais que almejavam. O movimento é considerado morto enquanto as feministas continuam a luta para alcançar sua agenda não concretizada.

Alguns autores tratam deste como a “Terceira Onda” do feminismo, com uma agenda liberal e individualista. Essa visão do movimento seria potencialmente problemática, uma vez que, segundo Macedo (2006, p. 813), consideraria que “as principais reivindicações de igualdade entre os sexos foram já satisfeitas e que o feminismo deixou de representar adequadamente as preocupações e anseios das mulheres de hoje”. Ou seja, o pós-feminismo esvaziar-se-ia do significado enquanto

movimento político com objetivos plurais e coletivos, basicamente evocando o feminismo para sugerir que a igualdade buscada por este já foi alcançada.

Ainda de acordo com Macedo (2006), essa versão pós do feminismo é “conservadora e acomodada”. Porém, o termo pós-feminista ainda poderia ser utilizado em uma segunda interpretação, não conivente com o descartar de questões fundamentais com as quais mulheres se deparam diariamente, tanto pública quanto privadamente. Segundo a autora (2006, p. 814),

Esta corrente, focando privilegiadamente a representação e os media, a produção e a leitura de textos culturais, mostra-se empenhada, por um lado, no reafirmar das batalhas já ganhas pelas mulheres, e por outro, na reinvenção do feminismo enquanto tal, e na necessidade de o fortalecer, exigindo que as mulheres se tornem de novo mais reivindicativas e mais empenhadas nas suas lutas em várias frentes [...].

Lana (2017) também percebe isso ao observar a evolução do feminismo acadêmico, o qual tem a tendência de desenvolver questionamentos quanto ao próprio movimento, à sua multiplicidade de pessoas e reivindicações. O feminismo midiático, por outro lado, falha em demonstrar um projeto político. A mulher, geralmente, é retratada como uma figura de poder, daí a presença tão constante da expressão “empoderamento”. A questão apresentada por Lana é de que ao mesmo tempo em que o “pós-feminismo reafirma a autonomia, a força e o empoderamento da mulher no século XXI”, ele falha em problematizar a constante desigualdade entre homens e mulheres.

Ainda para Lana (2017), “o pós-feminismo é contraditório, múltiplo e revela a impossibilidade de existir uma agenda única para alcançar a justiça”. Porém, mesmo sem a existência dessa agenda, há um aspecto comum, presente e disseminado no que a autora chama de “mídia pós-feminista”. Ao invés de promover mobilização coletiva, essa mídia foca na celebração do poder da mulher, estimulando-as a serem individualmente fortes diante dos problemas.

Segundo a autora, essa divulgação extensa do sucesso feminino demonstraria que mulheres têm liberdade para fazer tudo que desejarem, desde que a construção de uma vida bem-sucedida fosse baseada na liberdade individual. Em consonância com essa interpretação de preceitos do pós-feminismo, McRobbie define (2006, p. 59):

[...] o pós-feminismo se refere a um processo ativo pelo qual os ganhos feministas dos anos 70 e 80 estão enfraquecidos. Propõe que, por um arranjo de maquinações, elementos da cultura popular contemporânea são perniciosamente efetivos no apagamento do feminismo, enquanto simultaneamente aparentam estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao ‘feminismo’.

Nas palavras de Coruja (2015), ao mesmo tempo em que surgem na mídia os movimentos feministas, usando esse espaço para ativismo e disputa política, cresce um discurso feminista difuso, genérico e desvinculado de movimentos sociais. Utilizando de conceitos como *sororidade*, *igualdade* e *liberdade sexual*, formula-se um conteúdo nem sempre coerente. Ainda assim, arquitetam-se redes de comunicação feminista dentro desses espaços de discussão, onde o conteúdo das questões propostas impulsiona o movimento a discutir, argumentar, incorporar outros conflitos e demandas.

2.4 Feminismo na teoria queer

Para falarmos sobre gênero e teoria Queer, devemos nos voltar para a Segunda Onda do feminismo, por volta dos anos 1960 e 1970. Assim como a Primeira Onda, esse momento tem seu desenrolar em um contexto de mudanças políticas e econômicas, mas que obviamente não acontece em todo o mundo ao mesmo tempo. Essas mudanças são catalisadoras de transformações culturais, uma vez que paradigmas e tradições começam a ser questionados.

Um desses questionamentos que marcou a época e o movimento feminista foi o livro “O segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, lançada em 1949. Ao dizer que “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, a autora constroi um símbolo do feminismo, auxiliando no desenvolvimento de questões acerca dos papéis de gênero e sua socialização.

Mesmo com essa referência da teoria de gênero tendo sido lançada anos antes, Coruja (2017) afirma que “os anos 1960 se tornam o período de maior repercussão do feminismo como pensamento”. Como citado anteriormente, com a chegada das questões de gênero à academia, começa a se desenvolver uma epistemologia feminista (Rago, 1998). Como exposto por Coruja (2017, p. 74),

Em diversas disciplinas, surgem pesquisadoras (em geral) dispostas a questionar a ciência feita até então, que instituía o masculino como padrão para dizer o que é normal, ou que contava a história da humanidade a partir dos feitos dos homens. Essas pesquisadoras, claro, não eram bem vistas, e, logo, os “estudos de mulheres” e “estudos feministas” passam a ter as próprias pesquisas questionadas por terem um “viés feminista”.

No Brasil, durante a ditadura a única pauta feminista da época era o alargamento do campo político. Com o fim do regime militar e a abertura política, outras questões se agregam à luta feminista. Na busca por inserção em espaços políticos, começa a desabrochar por aqui uma corrente feminista acadêmica mais engajada, surgindo aí o

conceito de gênero para complementar o conceito de sexo que, de acordo com Coruja (2017), “trazia consigo uma ideia de inalterável da diferença, completamente atrelada à anatomia, o que significava que nenhuma ação transformadora seria possível em algo intransponível”.

O contexto de crescimento da epistemologia feminista foi propício para crescer também a concepção de gênero. De acordo com Rago (1998, pag. 6), a ideia era desconstruir as identidades antes tidas como naturais e seus processos de construção:

[...] as teóricas feministas propuseram não apenas que o sujeito deixasse de ser tomado como ponto de partida, mas que fosse considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. Como se vê, a categoria do gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais.

Segundo Coruja (2017), o conceito mais generalizado de ‘mulher’ para Beauvoir “descreve um recorte muito pequeno para um movimento capaz de ser tão grande”. Por isso, nesse “terceiro momento” do feminismo o gênero começa a ser mais inclusivo, ganhando outras articulações, entendimentos e interseccionalidades.

Em 1987, a filósofa Judith Butler surge questionando os "termos pressuposicionais" do feminismo, buscando desconstruir as construções universais de feminino e masculino. De acordo com a autora, as estruturas de valoração e significação contemporâneas engessam a compreensão de gênero e identidade, forçando uma ‘matriz heterossexual’, que interpreta a heterossexualidade como única alternativa viável para existência.

A autora explica que o conceito de gênero foi criado para contrapor o determinismo biológico da ideia de ‘sexo’, uma vez que ela infere a biologia como destino, ou seja, o indivíduo estaria fadado a habitar lugares e ter experiências de acordo com o sexo que nasceu. A questão é que esse determinismo naturaliza a desigualdade entre homens e mulheres e anula a possibilidade de questionamento e mudança na estrutura social. Para Butler então, entende-se que é criada uma significação em torno das diferenças biológicas de forma a produzir diferenças sociais, tidas como naturais e que embasam ideologicamente a opressão.

Butler (2003) ainda trata da questão apresentada por Simone de Beauvoir em 1949: “não se nasce mulher, torna-se”. Ao interpretarmos gênero como construção social e não como definição biológica, um ser nascido com aparelhos reprodutores femininos ainda não é uma mulher. O fator limitador muda então de biologia para cultura: com escapar da cultura compulsória?

Mesmo que a ideia “tornar-se” exprima certa liberdade, essa “opção” é feita em meio a um contexto, a uma cultura e a um sistema de poderes que colocam “regras” às pessoas. Para Butler (2003), estamos em constante negociação com as normas sociais que dizem como devemos nos comportar, o que devemos vestir e quem devemos desejar, baseado no nosso sexo (ou gênero). Segundo ela, “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (2003, p. 37), por isso a própria identidade é uma produção do discurso que a pessoa expressa. Assim, Butler explica que (2003, p. 38):

a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas.

Dentro da questão do discurso expresse criar uma identidade, Butler defende o ato performativo como elemento construtor da constituição do gênero. Esses atos pretendem expressar uma identidade que é justamente fabricada por eles. Os atos realizados repetidamente produzem a aparência de uma identidade de fixa, estável e permanente, ainda que seja instável e exija o fazer contínuo de atos culturalmente significados como femininos ou masculinos para internalizar as normas que eles exprimem. Butler explica dessa forma (2003, p. 194):

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado.

Butler (2003) também questiona a definição de um sujeito enquanto “mulher”, uma vez que, para ela, reafirmar a identidade da “mulher” como sujeito do feminismo poderia contribuir justamente para manter a estabilidade das relações hierárquicas entre masculino e feminino, e definir taxativamente um ser com vagina como mulher, cria amarras entre as relações de poder e opressão ao qual o feminismo pretende se opor. Para a autora (2003, p. 23), “a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento”. Ao apontar a necessidade de um novo modelo de política feminista, Butler afirma que (2003, p. 23):

[...] talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e a identidade – isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político.

Para haver efetivamente uma nova forma de “fazer política”, seria então necessário mudar a concepção de identidade e de identidade de gênero, para assim questionar a concepção de gênero, com o objetivo político de torná-lo um instrumento eficaz na política feminista. Dentro dessas novas concepções identitárias, o sujeito do feminismo escaparia do lugar da mulher para um “não-lugar”, onde ele é construído na medida em que age, atua e luta contra imposições da sociedade. Esse “não-lugar” possibilitaria que o sujeito tivesse mais liberdade e potencial de resistência contra a matriz que tenta defini-lo em uma identidade imóvel.

3. Sobre Jout Jout

Julia Tolezano nasceu em Niterói, se formou em Jornalismo pela PUC-RJ e começou a fazer vídeos para o Youtube em 2014 com o objetivo de perder o medo de críticas. Mas foi em 2015 que ficou conhecida, ao lançar o vídeo *Não tira o batom vermelho*, no qual aborda sobre relações abusivas e questões feministas. Em 2016 lançou o livro *Tá todo mundo mal*, onde fala sobre suas crises. Atualmente seu canal é mais organizado do que quando começou, tendo datas e horas certas para o lançamento dos vídeos, contando com 2.029.808 inscritos e mais de 400 vídeos.



Figura 1 – Visão geral do canal Jout Jout Prazer

No canal é possível encontrar ainda vídeos sobre outros assuntos cotidianos, como angústias e crises vivenciadas diariamente pelos jovens, conteúdos de humor, menchans, vídeos sobre política, entrevistas e assuntos que ainda hoje são vistos como tabus pela sociedade. Dentre os fãs de Jout Jout, há quem dia que ela presta o papel de “uma professora de maternal para adultos”. Ela mesma chega a dizer em entrevista para o G1 em junho de 2015 que busca falar como se fosse para uma criança entender, partindo do princípio de que “se uma criança estiver entendendo, nós adultos entendemos também, mas nem sempre isso dá certo²”.

As ‘lições’ transmitidas por ela são gravadas de forma idespojada, de modo que parca sutilmente des preocupada: às vezes de pijama, quase sempre em casa, como uma conversa entre amigos. Cada vídeo tem uma duração diferente, mas varia de cinco minutos em vídeos que a youtuber vai direto ao ponto, a 30 minutos no caso de algumas collabs com outras mulheres e/ou youtubers. Em entrevista para a Revista TPM em abril de 2016, Jout Jout fala dessa aproximação que o Youtube proporciona:

² Entrevista disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-conta-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>. Acesso em 10 de outubro

[...] as pessoas têm uma liberdade, uma intimidade muito maior com a galera da internet. Não tem essa coisa inalcançável de uma estrela da Globo. Não sou uma entidade. Youtuber é gente como a gente. Você sabe o nome do cachorro, o nome da mãe, você conhece os parentes todos, você sabe o que deixa aquela pessoa insegura.

Ainda que caseiras, as produções são normalmente bem realizadas, principalmente quando assessoradas por Caio, amigo e parceiro de trabalho de Júlia, formado em Cinema. A câmera não treme (algo que é até comemorado por Jout Jout em um vídeo que ela apresenta seu tripé novo), o som é nítido e há atenção ao ritmo da narrativa, que tenta manter a linha de raciocínio de Júlia, fazendo cortes que dão ao vídeo uma característica própria dela, de falar das coisas “de um jeito engraçadinho” e “dar leveza mesmo a assuntos mais tensos”, segundo a mesma.

Quanto ao canal em si, além de ser possível acessar diretamente e se inscrever para acompanhá-lo, há a opção de assistir aos vídeos através de *playlists*. Essas listas funcionam como seções de conteúdo, por onde a dona do canal pode dividir os vídeos, classificá-los por assunto e disponibilizá-los na ordem que preferir. Dentre as 12 playlists existentes (Era uma vez um voto, com 8 vídeos; Girl/Boy Power, com 25; Mulheres criadoras, com 13; Merchans do amor, com 45; Esclarecimentos, com 4; Xodós de 2016, com 27; Respostas, com 12; Destabilizando uns troços, com 42; Sobre filmes e séries, com 11; Viagens iradas, com 15; Sobre livros, com 7; Análises musicais, com 5), nota-se uma tendência a discutir assuntos e tópicos que vão de encontro às próprias questões do feminismo. Percebe-se isso por conta dos vídeos que falam abertamente sobre questões da mulher que são vistas como tabu na sociedade atual (como menstruação, flato vaginal, assédio, autoexame). Mas de qual vertente do feminismo se fala, quais elementos delas são utilizados?

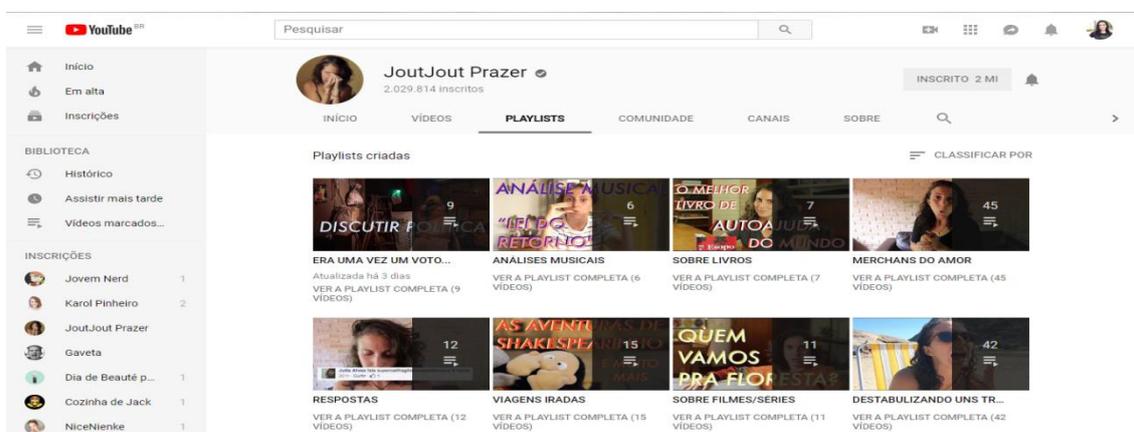


Figura 2 - Playlists do canal

É importante destacar que a palavra “feminista” é pronunciada pela primeira vez no vídeo “Cajout responde 3”, de dezenove de maio de 2015. Um fã perguntou “por que será que as pessoas odeiam tanto as feministas?”, e dessa vez foi Caio quem respondeu: “as pessoas odeiam quem quer fazer um benzinho”. A palavra feminista só volta a ser citada em seis de outubro de 2015, no vídeo “Que bosta!”, no qual Júlia fala como faz para lidar com as críticas não construtivas, como os que comentam “vaca feminista”, dizendo que esses não merecem atenção.

Ao ser perguntada sobre feminismo especificamente em entrevista para o G1 em junho de 2015, Júlia diz o seguinte:

“Eu nunca tive essa discussão de feminismo na minha vida toda, era uma coisa que existia e eu nunca falava sobre, então nunca me identifiquei como feminista e levantei bandeira. Aí no início do canal as pessoas falavam: querida, você é feminista. E eu ficava: não gente, eu sou só a Jout Jout, sem bandeiras.[...] Aí comecei a pesquisar muito, ver vídeos e ler sobre. Fui vendo as coisas que o feminismo diz e as coisas que eu digo e vi que encaixava perfeitamente, então né? Por que não?”.

Segundo o que a própria Júlia conta em seu livro, *Tá Todo Mundo Mal* (TOLEZANO, 2016), quando postou seu primeiro vídeo no Youtube, sua intenção era perder um pouco da timidez, aprender a lidar com as críticas e falar sobre alguns assuntos cotidianos. Hoje, o canal na visão dela parece ter cumprido sua função original, mas continua impulsionando a youtuber a desconstruir os próprios conceitos o tempo inteiro. No início, em poucos meses os vídeos atingiram cerca de 20 mil visualizações, mas o grande *boom* do canal foi após a publicação do vídeo Não Tira o Batom Vermelho, publicado em 26 de fevereiro de 2015. O vídeo em questão foi gravado após uma conversa sobre relacionamentos abusivos que Jout Jout teve com amigas e, mais tarde, com um grupo fechado para mulheres no Facebook. Ela recebeu depoimentos de mulheres de todo o Brasil que passavam ou passaram por relacionamentos abusivos e que, às vezes, nem sabiam que estavam sendo prejudicadas, abusadas ou violentadas de alguma forma. Julia fez então o vídeo com algumas “sinalizações” que podem ajudar a identificar um relacionamento abusivo. Este vídeo hoje conta com quase três milhões e meio de visualizações.

Em um vídeo de dezembro de 2015, Jout Jout responde pergunta de fãs e revela que se descobriu feminista através da audiência de seu próprio canal, que começou a apontar, depois de uma série de vídeos do canal, que o que ela falava era feminista. Após se informar mais sobre o assunto, a youtuber percebeu que definitivamente era

verdade e essa era uma bandeira que ela levantaria. Percebe-se o aumento gradual de questões relativas à luta feminina por direitos e espaços tratadas no canal, na medida em que aumenta o posicionamento da própria Jout Jout em relação ao assunto. Isso se dá talvez após a autodescoberta de Júlia enquanto feminista, que também passa a lidar melhor com as críticas. Na sequência, ela volta a falar em feminismo em março de 2016, quando problematiza a questão pela primeira vez, junto com a *youtuber* Nataly Neri, onde discutem sobre interseccionalidade, diferenciando o que é chamado de feminismo negro e feminismo branco.

Apesar de ter ocorrido uma tomada de consciência catalisada pelo público, o canal não se propõe especificamente a discutir o feminismo, mas traz essa discussão entremeada nas falas da jovem, no contar de situações do cotidiano e na produção de vídeos sem roteiro. O feminismo pode não ser o assunto principal do vídeo, mas aparece em vários momentos, brotando e se fazendo perceber quando Jout Jout utiliza expressões do(s) feminismo(s), demarcando questões que refletem de maneira geral em como ela mesma é vista.

4. Metodologia

Agora trataremos da metodologia utilizada para a realização da pesquisa, a Análise de Conteúdo, identificando as etapas e procedimentos metodológicos que a compõe: pré-análise, categorização e exploração do material e interpretação dos dados obtidos.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever, categorizar e interpretar qualquer tipo de conteúdo de uma classe de arquivos, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos.

A pré-análise foi feita de forma quantitativa. Nessa primeira etapa, foram selecionados três vídeos de cada ano desde o início do canal, em 2014, totalizando 15 vídeos a ser avaliados. Esses vídeos foram escolhidos por meio de uma pesquisa exploratória, onde foram selecionados aqueles que mais se encaixavam na proposta da pesquisa, de perceber certas nuances dos feminismos. Também consideramos importante para a análise a evolução do canal, por isso foram destacados vídeos de todos os anos, desde o começo do canal.

Na segunda etapa, foram escolhidos os elementos que, quando presentes na fala de Jout Jout, pudessem ajudar a demarcar a semelhança com alguma vertente para definir aquela que mais se assemelha ao conteúdo veiculado. Porém, mesmo com elementos exclusivos e estritos de cada vertente do movimento feminista, deve-se estar ciente que pode acontecer de um objeto pender para duas (ou mais) vertentes.

Agora, com o material definitivamente categorizado, serão apresentadas e discutidas as análises e resultados da pesquisa de forma principalmente qualitativa. Começaremos por meio de descrições sistemáticas dos vídeos para identificação da vertente do feminismo mais próxima presente no objeto estudado. O objetivo é interpretar as mensagens e atingir uma compreensão de seus significados num nível que vá além de uma leitura comum.

Os vídeos serão interpretados dentro de suas classificações para ter um entendimento de onde/como surgiu determinado elemento classificatório e por que o vídeo escolhido é tão representativo da vertente na qual se encaixa. Através do cruzamento das informações obtidas será possível comparar os resultados e formular

uma conclusão adequada onde percebamos as variações de aspectos e fenômenos do feminismo.

4.1 Grade de análise

Nome do vídeo	Duração	Visualizações	Temática	Participações	Ano
Guarda esse piru	1:30	555.391	Abuso no transporte público	-	2014
Vai de copinho	5:14	1.499.286	Coletor menstrual	-	2014
Garrulitas Vulvae: uma realidade	3:56	400.056	Desmistificar questões do corpo feminino	-	2014
Isso não é da sua conta	7:29	728.187	Esclarecimentos do mundo lésbico	Canal das Bee	2015
Vamos fazer um escândalo	9:21	2.046.943	Pedofilia	-	2015
Como minhas celulites ajudaram meus mamilos	7:00	818.282	Relação com o corpo	-	2015
Mulheres também transam	3:47	893.490	Sexualidade	-	2016
Não é para sair	15:21	917.826	Feminismo negro e interseccionalidade	Nátaly Neri	2016

Erro comum	5:56	741.765	Machismo	-	2016
As pessoas não estão aí para agradar o seu senso estético	9:09	777.337	Padrão de beleza	-	2017
Tá se achando livre?	6:53	534.042	Vivências fora do padrão	Participação de Caio	2017
Seu textão não chega onde Fátima chega	6:59	401.172	Feminismo acessível	-	2017
Pole dance me ensinou	6:10	407.424	Relação com o corpo	-	2018
Tá, mas como faz isso de se amar?	11:34	815.079	Autoestima	-	2018
Hora da leitura	20:11	226.820	Relação com o corpo (merchandising)	Alexandra, Ana Paula, Mariana	2018

5. Análise

Neste capítulo apresentaremos a análise do objeto de estudo, o canal Jout Jout Prazer. O objetivo foi compreender quais sinais de feminismo se apresentam na fala da youtuber e que vertente brota desses elementos observados. Procuramos entender como é feita a abordagem do assunto, porém sem a intenção de delimitar a qual vertente o canal ou a youtuber pertence. A ideia não é limitar sua existência, mas perceber como, quando e de que forma o movimento feminista se faz presente em seu trabalho.

A análise da fala veiculada nos vídeos é fundamental para compreendermos em que nível e até que ponto se estende a influência do movimento feminista no canal. Nessa etapa da pesquisa, tomaremos como ponto de partida percepções a respeito das temáticas veiculadas nas amostras.

Percebe-se uma evolução do canal e da relação da *youtuber* com seu público de acordo com o passar do tempo. Nesses quatro anos de canal, estabeleceu-se uma comunidade articulada em torno de um único ponto em comum, o canal que seguem, aumentando o engajamento do público para com os temas ali divulgados. A porta-voz Jout Jout admite em seu livro *Tá todo mundo mal* (TOLEZANO, 2016) que o medo de críticas que tinha foi passando ao longo dos vídeos, tornando o canal mais e mais relevante para a própria representação do movimento feminista.

Concentrando as considerações a respeito do canal, podemos dizer que percebemos que em 9 dos 15 vídeos utilizados, a youtuber utiliza como recurso a descrição de algum acontecimento da própria vida cotidiana para exemplificar e/ou contextualizar sua fala, de modo a expor situações que geraram questionamentos, principalmente quanto ao lugar da mulher na sociedade.

Podemos inferir com isso que os tópicos debatidos fazem parte da rotina de Júlia, portanto ela se sente confortável de transitar entre eles, justamente por conta das experiências vividas. Uma segunda interpretação é de que os assuntos debatidos surgem no canal gradativamente, com hierarquia de prioridade, considerando a necessidade de falar sobre determinados temas devido ao contexto sócio-político do momento ou acontecimentos marcantes.

A terceira interpretação é de que Jout Jout escolhe um tema visando o alcance do conteúdo, considerando a repercussão daquilo frente ao público. Embora no início Júlia

considerasse o canal um lugar apartidário e neutro, percebeu eventualmente que este poderia ser um espaço de luta por direitos, um veículo que representasse a voz de uma parcela do público que a acompanha. Portanto, embora a intenção não fosse (ou ainda que não seja) ter um canal ativista, se isso for para isso que o público está mais inclinado, é o que será refletido nos vídeos.

A união da comunidade (ou ‘família Jout Jout’) em prol da luta social feminista acaba por definir o valor social do canal, criando potencialidades como a de mudanças na sociedade fora do meio apenas digital. Sendo assim, Jout Jout desenvolve, junto à discussão dos assuntos, uma aproximação dela com o público e do público com realidades diferentes das próprias.

Quando nos debruçamos sobre os vídeos selecionados, percebemos alguns dados relevantes que apontarei brevemente. Primeiramente, quanto às visualizações, a média dos vídeos utilizados é de 784.207. Ainda em questão de views, apenas 4 dos 15 vídeos escolhidos não se encontram na classificação de “Mais populares” do canal.

Quanto à temática, identificamos que questões sobre o corpo feminino permeiam o assunto em vários momentos e se faz mais presente em sete vídeos, ou seja, quase a metade. São eles: *Hora da leitura*, *Pole dance me ensinou*, *Tá, mas como faz isso de se amar?*, *As pessoas não estão aí para agradar o seu senso estético*, *Como minhas celulites ajudaram meus mamilos*, *Garrulitas Vulvae* e *Vai de copinho*.

Embora significativo, esse dado não é decisivo para a classificação dos vídeos dentro de uma vertente do feminismo uma vez que, como demonstrado na revisão teórica, todas as vertentes tratam dessa questão em um momento ou em outro. Seja ao falar da liberdade sexual feminina, da legalização do aborto, da influência da mídia sobre as mulheres ou das limitações que o conceito de “gênero” pode criar à existência de indivíduos diversos, todas as perspectivas se voltam para a percepção que mulheres têm de seus corpos.

Para categorizar os vídeos efetivamente, usamos elementos característicos de cada vertente. O feminismo como um todo parece simples, uma forma de buscar equidade social, política e economia entre homens e mulheres. Porém, ao se dividir em vertentes, o movimento se amplia ao considerar vivências, nuances e dificuldades diferentes entre um conjunto de mulheres.

Voltando ao objeto de análise e considerando as possibilidades apresentadas, dividiremos agora as amostras em quatro categorias, previamente planejadas para simbolizar as vertentes escolhidas para a análise e interpretação do canal.

5.1 Categorização de acordo com vertentes

Feminismo Interseccional	<ul style="list-style-type: none"> - Hora da leitura - Não é para sair - Seu textão não chega onde Fátima chega
Pós feminismo	<ul style="list-style-type: none"> - Vamos fazer um escândalo - Pole dance me ensinou
Feminismo Queer	<ul style="list-style-type: none"> - Isso não é da sua conta - As pessoas não estão aí para agradar seu senso estético - Tá se achando livre?
Outras nuances destacáveis	<ul style="list-style-type: none"> - Guarda esse piru - Garrulitas vulvae - Vai de copinho - Como minhas celulites ajudaram meus mamilos - Mulheres também transam - Erro comum - Tá, mas como faz isso de se amar?

5.2 Feminismo Interseccional

Para definir a categoria em que a amostra melhor se encaixava, consideramos a revisão teórica previamente feita. A partir dela, voltamos nossa percepção para elementos que poderiam representar cada ‘tipo’ de feminismo, e com isto caracterizar as vertentes apresentadas. Além destas, criou-se uma quarta categoria para encaixar os vídeos que apresentassem elementos mais difusos ou que fossem muito além dos três ‘feminismos’ presentes no canal e nessa pesquisa.

A categoria de vídeos que tendem mais ao feminismo interseccional inclui: *Hora da leitura*, *Seu textão não chega onde Fátima chega* e *Não é para sair*. Esses vídeos foram escolhidos para representar a vertente por predominar como temática a inclusão de mulheres com diferentes vivências no movimento feminista. A definição de interseccionalidade, segundo a criadora do termo, Kimberlé Crenshaw, é de que

“mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade”, ou seja, uma mulher branca sofre com a opressão do machismo, uma mulher negra sofre com machismo e com racismo; alguns grupos de mulheres são obrigados a lidar com múltiplas facetas e camadas de preconceito. O conceito geral da interseccionalidade é incluir questões raciais, sociais, de classe e de orientação sexual nos debates sobre gênero e direitos humanos, a fim de englobar uma gama maior de mulheres no movimento, que afinal de contas, é em prol delas.

No primeiro vídeo utilizado para representar essa vertente, Jout Jout faz um merchandising para a Natura, marca de produtos de beleza. O vídeo começa com a leitura de um texto chamado *Querida garota do maiô verde* e foi escrito pela espanhola Jessica Gómez. O texto viralizou em 2016, entretanto voltou esse ano em função de uma propaganda da Natura que fala sobre aceitação do próprio corpo e quebra de padrões. É interessante apontar que Jout Jout foi apenas uma das youtubers escolhidas para engrossar o coro da campanha, mas no vídeo do canal dela sobre o tema reuniram-se várias outras mulheres para falar, cada uma do seu ponto de vista, sobre o corpo e como elas convivem com os padrões impostos a ele.

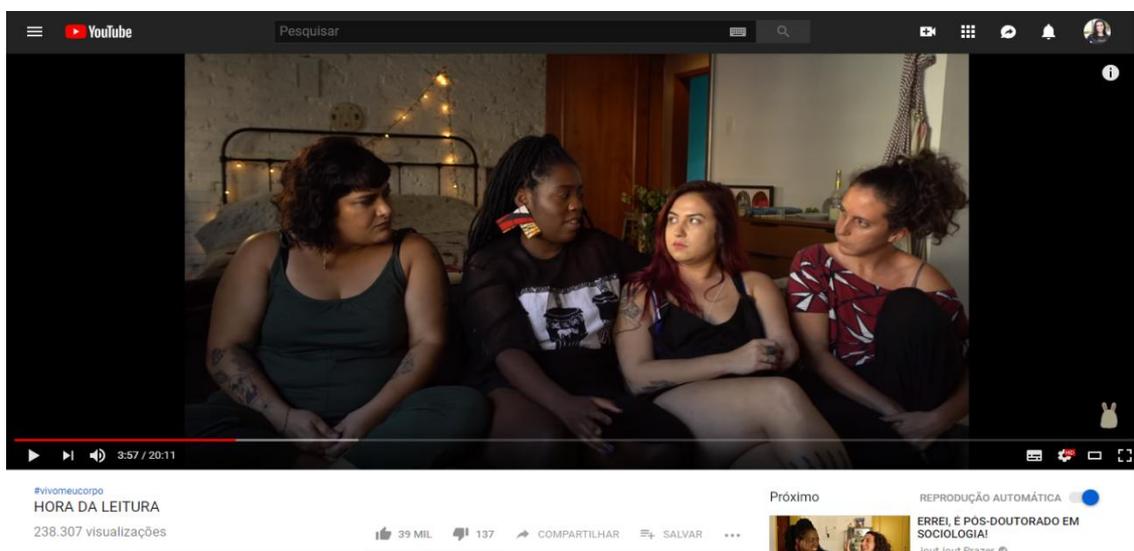


Figura 3 – Alexandra, Ana Paula, Mariana e Júlia, respectivamente

O texto lido pelas convidadas e por Júlia é escrito em forma de carta e se dirige a uma “garota do maiô verde”, sentada na praia. No texto a autora diz à menina ao lado que notou como ela ficou afastada do grupo de amigos para tirar a roupa, a forma que se sentou cuidadosamente para tapar a barriga e como parecia procurar esconderijos de si mesma. A escritora conta que já esteve na posição da menina, que antes de ser a mulher

que leva os filhos à praia, já foi a menina sem jeito e envergonhada, e se pudesse voltar atrás, escolheria simplesmente curtir a vida em vez de se preocupar. Ela ainda diz que o corpo do qual ela parece se envergonhar é belo simplesmente por estar vivo e ser parte de quem ela é. No fim, a autora diz que ela espera que a garota perceba que merece ser amada, inclusive por si mesma, e que não pode dizer nada a ela, mas vai dizer tudo ao filho e a filha, porque é assim que todos merecem ser amados.

Ao final da leitura as youtubers aparecem todas juntas para falar sobre o que foi lido. Alexandra é uma mulher gorda, Ana Paula é negra e Mariana é uma pessoa com deficiência, não tendo um dos braços. Alexandra logo percebe que nenhuma delas está escondendo a barriga ou outra parte do corpo, como a garota do texto, embora todas já tenham passado por esse momento de se sentirem constrangidas ou fora do lugar. A interseccionalidade já surge aí, ao haver várias convidadas diferentes entre si, principalmente na questão corporal. O feminismo interseccional brota entre as relações de afeto e acolhimento criadas entre as mulheres; quando Alexandra diz que o momento de cobrir a barriga com uma almofada já acabou, é uma conquista conjunta de todas elas, de respeitar e abraçar não só as vivências diferentes, mas os corpos fora dos padrões. Ana Paula lembra que o ‘calcanhar de Aquiles’ é diferente para cada mulher e a primeira reação é mudar, até que você entenda que está tudo bem em ser como é. Então cada uma entra com um relato mais pessoal de aceitação.

Jout Jout diz que mesmo estando dentro do padrão estético, ela não gostava do próprio corpo, porque a sociedade e a mídia te convencem sutilmente de que não é para gostar de si mesma, seja da forma que for. Em determinado momento ela pontua que a primeira iniciativa é mudar, contudo o mais correto e mais possível seria entender que não é o corpo que tem que mudar, mas o olhar sobre esse corpo; essa fala se insere bem na corrente interseccional do feminismo já que esta afirma que é preciso olhar e acolher todas as mulheres e suas especificidades.

Para Alexandra foi inovador ir à praia e se sentir bem, porque nas palavras dela “por mais que não tenha uma placa dizendo ‘gordas aqui não’, a gente se sente impedido de ir a um ambiente onde o corpo é exaltado”. Ela conta que ser gorda é não ter acesso, é ter (e ser) um problema, ter a sociedade estimulando a emagrecer para se resolver. Mariana diz que já que não poderia fazer um braço crescer, ela queria emagrecer para estar um pouco mais inserida no padrão que não reconhece as pessoas

com deficiência. Ela ainda conta que as pessoas com deficiência sofrem por não pertencer a lugar nenhum, não terem acessibilidade, por não serem representados, mas mesmo assim ela ocupa esses lugares e exhibe seu braço, porque talvez assim as pessoas se conscientizem e o indivíduo com deficiência seja visto. Essa exaltação dos corpos que não se encaixam no padrão ajuda a criar referências e representatividade, principalmente entre mulheres que não se vêem na mídia regularmente, por exemplo.

Ana Paula, que é mãe, levanta a importante questão de que quando você se engravida, seu corpo todo muda e a mulher, que não tinha a autoestima bem trabalhada nem mesmo antes, terá que se reinventar e se reconhecer naquele novo corpo. Ela adiciona que a desconstrução tem que ser constante para ter um avanço real, e mesmo sem ter todas as questões resolvidas para si, é necessário preparar a próxima geração para aprender a aceitar a si e ao outro. Uma das falas mais significativas do vídeo é quando ela faz a seguinte afirmação:

A responsabilidade é de todas. Eu preciso pensar na gordofobia, eu preciso pensar na deficiência, vocês precisam pensar na negritude. Porque não adianta a gente mudar sozinho, porque a gente vai pisar na rua e na rua a gente vai se cruzar. E aí a gente precisa estar sensível uns aos outros.

Todas essas questões abordadas pelas mulheres do vídeo foram apresentadas em um contexto que não era especificamente de feminismo interseccional. Elas não falam tanto sobre considerar a vivência do outro, a pensar nas junções dos fatores de opressão. O vídeo foca na visão da própria mulher sobre seu corpo e na pressão puramente estética. Porém, o feminismo interseccional, como observado na revisão teórica previamente feita, é uma das vertentes que mais busca incluir mulheres com diferentes experiências de vida, e essa é uma função que o vídeo cumpre ao ter quatro mulheres com experiência totalmente diversas, corpos diferentes e, portanto, terem sofrido com diferentes formas de opressão.

Logo ao final do vídeo, Jout Jout afirma que quando você cria uma afetividade consigo mesmo, é mais fácil criar empatia com o outro também. Essa afirmação pode ser lida com uma interpretação teórica de Arcoverde (2016), que entende a vertente interseccional como emancipadora e atuante no desenvolvimento de uma sociedade mais acolhedora para indivíduos diversos entre si, sendo “um paradigma possivelmente mais inclusivo e politicamente mais solidário”.

No segundo vídeo Júlia traz novamente outra youtuber, dessa vez do canal *Afros e Afins*, para falar justamente sobre interseccionalidade. É o único vídeo estudado nessa análise que se presta a falar sobre uma vertente do feminismo, especificamente. Nele fala-se principalmente sobre o feminismo negro, englobando variáveis como o racismo dentro do movimento desde seu início, a questão de classe social e até geográfica.

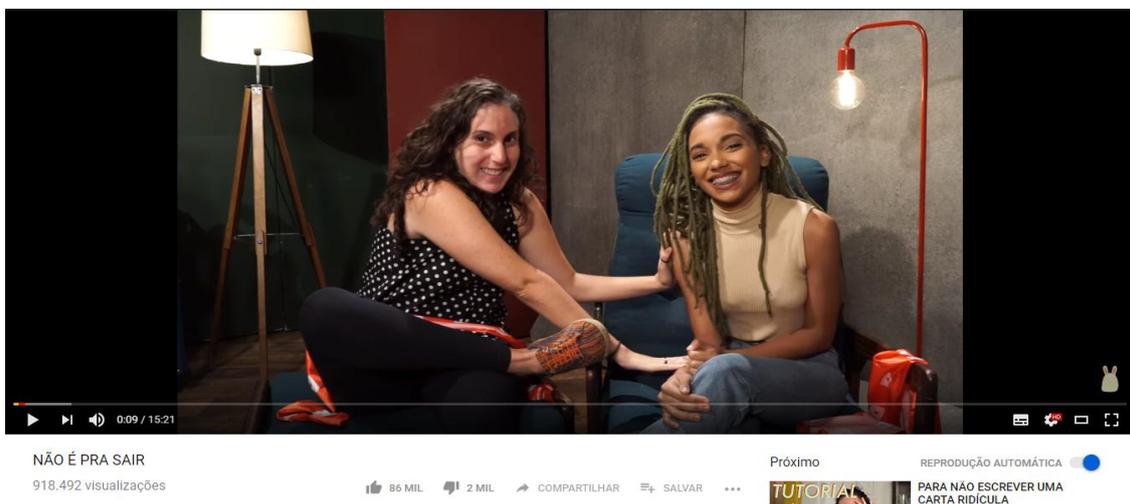


Figura 4 – Jout Jout e Nátaly Neri

Nátaly explica que falar sobre feminismo negro, não é para dividir mulheres, mas para considerar mulheres que sofrem opressões em diversos níveis. Ela contextualiza que o feminismo começou como um movimento eurocentrado e foi se enegrecendo, mas no Brasil ainda há questões que são pautadas basicamente pela e para as mulheres brancas. Tanto que quando algumas ativistas falam sobre o assunto, elas parecem tratar de um ‘feminismo geral’ como ela chama.

A convidada aponta alguns elementos que diferem como mulheres brancas e negras experimentam o machismo. Por exemplo, quando as sufragistas lutavam para igualar seus direitos aos direitos do homem, as mulheres negras lutavam para serem reconhecidas como pessoas. Ela ainda desmistifica a falácia de que mulheres são o ‘sexo frágil’ ao esclarecer que mulheres negras são e sempre foram vistas como mais fortes, portanto são colocadas em condições de maior sofrimento, como não receberem anestesia durante o parto. Além disso, Nátaly fala de como a questão de estereótipos de beleza fere a mulher negra, uma vez que mesmo havendo um padrão, ele é voltado para a mulher branca. Portanto como questionar essa indústria da beleza que nem reconhece a existência de mulheres não-brancas?

Nátaly comenta sobre o ‘feminismo branco’ não para criticá-lo exatamente, mas atestar que mulheres brancas e negras vivem de formas diferentes, portanto seria, nas palavras dela, “injusto eu falar que você tem que pensar como uma mulher negra, porque você é branca”. Jout Jout entra aí para dizer que as pessoas devem reconhecer seus privilégios e Nátaly complementa dizendo que feminismo é mais do que o direito de usar saia curta. Em outro momento, Nátaly rebate as críticas que dizem que ela vê racismo em tudo, dizendo que não só vê como ele existe em tudo, na fala, no gesto, nas relações, e negar isso é silenciar a mulher negra. Ela admite que nunca saberá o que sofre uma mulher trans, por isso quando uma fala, ela se põe a escutar.

Indo ao encontro da interseccionalidade, ela diz que é uma questão de respeitar, tentar compreender e se por no lugar de quem convive e sofre com opressões diferentes das suas. Ela dá o exemplo de mulheres negras que fazem recorte de colorismo, uma vez que as de pele mais escura, são mais rechaçadas do que as de pele clara. Portanto é necessário que mulheres brancas ou não-negras dêem espaço umas às outras e não ocupem lugares de fala que não as pertence.

Jout Jout ainda conta que a vontade de ser uma aliada não deve superar a militância de outra mulher, uma vez que não é uma competição de quem sofreu mais. Nátaly explica que, sem oprimir o outro, é necessário sempre se opor ao racismo. Por fim ela aponta que todas as mulheres podiam estar aprendendo juntas, mesmo que não sejam iguais. Ela defende que dentro da união que a própria vertente interseccional prega, tem que haver grupos para ser possível discutir especificidades, pois se essas forem apagadas, o movimento perde a essência e passa a valorizar apenas um grupo muito restrito.

Analisar esse vídeo para compreender sua aproximação com a vertente interseccional é mais simples do que com os outros, uma vez que falar sobre essa corrente feminista é justamente o tema central do vídeo e isso é deixado claro logo nos primeiros minutos. Jout Jout, quando não tem domínio ou lugar de fala para tratar de determinados assuntos em seu canal, se preocupa em trazer outras mulheres, como no caso de Nátaly Neri, uma mulher negra, para explicar determinadas questões. É importante lembrar que, além de Jout Jout dar o espaço para Nátaly falar sobre sua experiência como mulher negra e ouvir seus relatos sem interromper, a própria Nátaly se põe a lembrar que outras mulheres, sejam indígenas, trans, etc, também sofrem e, principalmente, sofrem com questões diferentes das dela ou de Júlia, portanto devem ser tratadas com igual seriedade.

No terceiro vídeo e último dessa vertente, diferentemente dos últimos dois não há convidadas. Jout Jout fala sobre uma experiência pessoal, de quando viajou ao Acre e conheceu um seringueiro chamado Duda e sua mulher, que fora apresentada apenas como “mulher do Duda”. Na descrição do acontecimento, ela chama atenção para o fato de que a família que ela conheceu vivia em um lugar afastado, não tinham acesso à estudos, tecnologia ou internet, mas tinham na sala uma grande televisão, que no momento do ocorrido exibia o programa Encontro com Fátima Bernardes. Júlia em determinado momento lamenta que seus vídeos não cheguem até a “mulher do Duda”. Essa é a questão central do vídeo, pois ao pensar sobre as mulheres do Acre, que trabalham em seringais, que não tem acesso fácil ao feminismo, entramos na vertente interseccional.

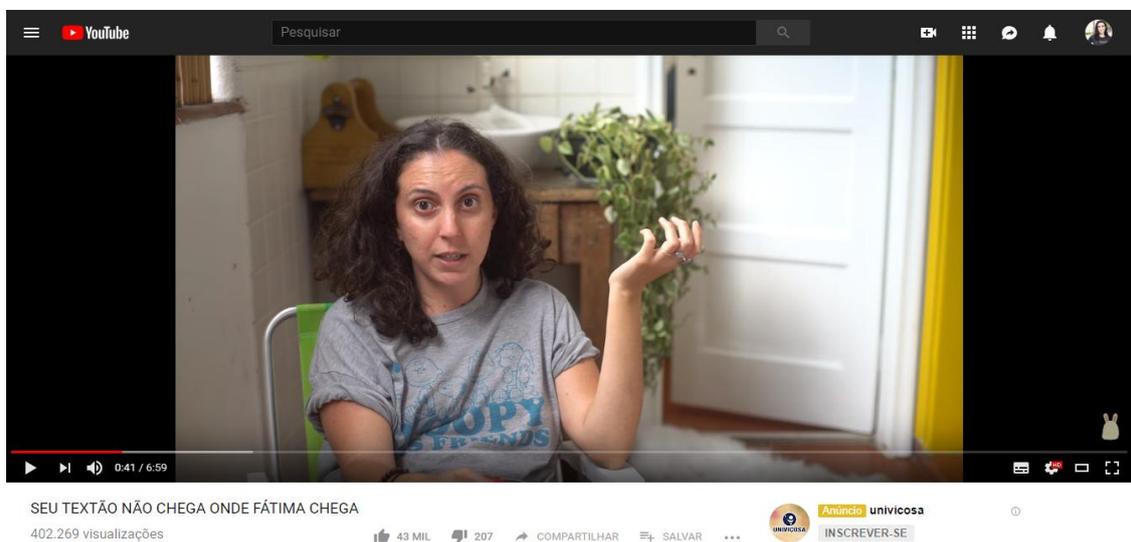


Figura 5 – Jout Jout no vídeo Seu textão não chega onde Fátima chega

Um segundo questionamento que cabe ao discurso do feminismo interseccional surge quando se fala no programa Encontro que passava na televisão; os vídeos de Jout Jout, por mais politizados que sejam, não chegam a certas parcelas da população; textos ativistas em redes sociais, também não. Porém, o Encontro chega até essas mulheres que por vezes são esquecidas pelo próprio movimento, por isso o feminismo que permeia os programas de televisão é tão significativo. Como citado no capítulo 1.3, a mídia “corporativa e burguesa” como Jout Jout se refere ironicamente, pode ser fonte de visibilidade para essas mulheres, uma vez que construa conteúdo próprio e busque empoderar mulheres, utilizando-se dos meios de comunicação no enfrentamento de discursos dominantes.

Um último fator significativo a ser apontado é Jout Jout se referir à personagem de sua história apenas como “mulher do Duda”. Isso pode justamente ser um recurso que ele utiliza para chamar atenção não só para esse indivíduo específico, mas para tantas mulheres como ela, sem nome e limitadas a ‘pertencer’ ao marido, como se esse fosse detentor de sua identidade.

É importante destacar que tanto no vídeo *Hora da leitura* como em *Não é para sair*, há convidadas mulheres, diferentes de Jout Jout de alguma forma e em algum nível. Júlia conversa, porém dá espaço para a(s) convidada(s), justamente por não ser seu lugar de fala ou um assunto sobre o qual ela na tenha total domínio. Além disso, cada vídeo é de um ano diferente, mostrando que as pautas da interseccionalidade estão presentes no canal já faz algum tempo.

5.3 Pós-Feminismo

Seguindo na categorização dos vídeos de acordo com a vertente que se aproxime mais da fala de Jout Jout, falaremos agora sobre o pós feminismo e como ele estaria presente no conteúdo do canal Jout Jout Prazer. A categoria de vídeos que tendem mais ao pós feminismo inclui: *Vamos fazer um escândalo* e *Pole Dance me ensinou*. Os vídeos selecionados para definir o conceito foram estes, pois neles é possível identificar nuances de um posicionamento que pode ser interpretado como pós feminista, além de observar e questionar o modo como a youtuber trata de determinados assuntos.

Como já abordamos na parte teórica dessa pesquisa, o pós-feminismo é um conceito polissêmico, podendo ser interpretado em uma ótica mais ‘otimista’, de empenho em celebrar a mulher e sua força, ou puramente como um trabalho de sutil apagamento das questões do próprio feminismo. Uma corrente de pensamento que só evoca o movimento político para reafirmar suas reivindicações já atendidas, acaba por trazer questões muito problemáticas ao movimento, uma vez que considerá-lo como um esforço já superado acaba por esvaziar de significado as lutas ainda existentes.

Em entrevista à revista TRIP em abril de 2016, Jout Jout foi questionada sobre receber críticas por “fazer um feminismo suave”. Em resposta, ela afirma às vezes fala algo errado, mas quando identifica o erro, se retrata e aprende com ele. O fato é que discutir sobre batom vermelho, estereótipos, pregar empatia, sororidade e etc., são tópicos que fazem, sim, parte dos questionamentos fundamentais do feminismo. Porém,

não são as únicas e nem mesmo as mais importantes questões do movimento. Por isso, a crítica a determinados vídeos do canal é feita para chamar atenção ao fato de que é perigoso veicular a falaciosa impressão de que todas as mulheres estão se aceitando, de que o feminismo evoluiu e atingiu seus objetivos. Isso seria fechar os olhos para as estatísticas de violência que só crescem, principalmente contra mulheres negras. Segundo o Atlas da Violência de 2018, a taxa de homicídio de mulheres negras chega a ser 71% maior do que a de mulheres brancas.

Porém, o conceito de pós-feminismo ainda poderia ser interpretado de outra forma, não conivente com o descartar das situações de opressão com as quais mulheres se deparam diariamente. Como citado anteriormente por Arcoverde (2016), o pós-feminismo foca na “reinvenção do feminismo e na necessidade de o fortalecer, exigindo que as mulheres se tornem de novo mais reivindicativas e mais empenhadas nas suas lutas”. Ainda assim, essa agenda liberal e individualista de um feminismo feito supostamente para ‘empoderar’ mulheres, acaba por aprisioná-las em contextos desfavoráveis. O discurso “girl power”, que só afirma que a mulher é forte e capaz de fazer qualquer coisa, pode também impedir que esta mesma mulher questione sua própria existência em um meio que ainda é machista, heteronormativo e opressor.

Com essas duas interpretações do pós feminismo em mente, nos voltamos para os vídeos a serem analisados. No primeiro vídeo, chamado *Pole dance me ensinou*, Jout Jout relata a experiência que teve ao fazer um mês de pole dance. Ela diz que, mesmo sendo uma mulher empoderada, que trabalha a autoestima e quebra padrões, ela repensou toda a sua vida ao se achar incapaz de fazer um exercício de pole dance. Em seu relato, Júlia diz que a professora instrui as alunas a levantarem sensualmente ao fim do exercício e a youtuber não sabia como fazê-lo, ao passo que a professora parecia fazer os movimentos em câmera lenta. Júlia ainda diz que não estava preparada para encarar o espelho do estúdio, e ao se fitar ali, teve que rever suas certezas e inseguranças. Uma interpretação para essa fala de Jout Jout é que, mesmo ao passar tanto tempo inserida em um contexto de ser assegurada de seu poder enquanto mulher, ela ainda tinha inúmeras questões a serem trabalhadas, e ao confrontar o espelho, ela voltou a se questionar. Em determinado momento, Júlia ainda diz que não é sobre observar gorduras ou celulites, mas sobre vencer auto barreiras.

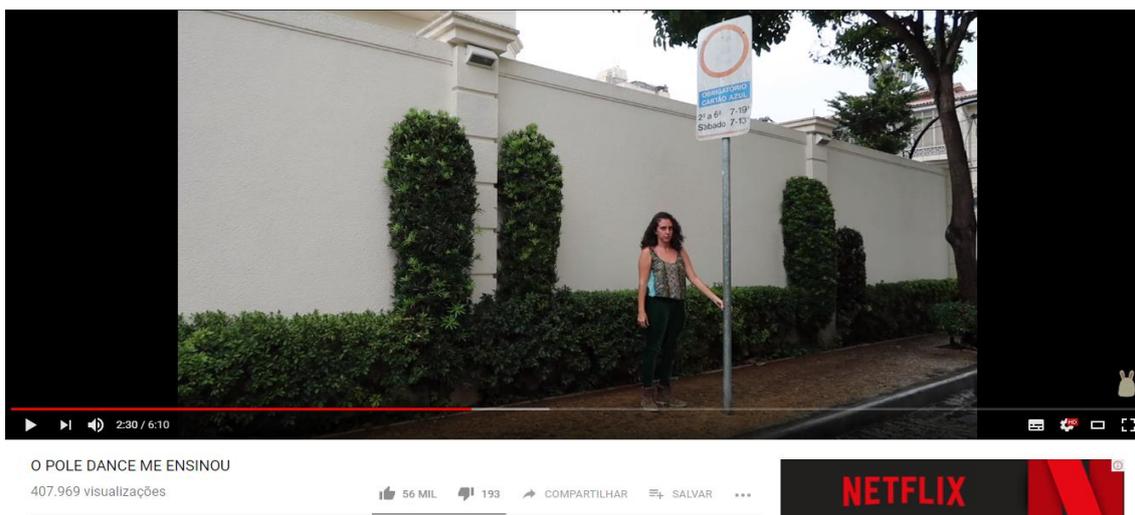


Figura 6 – Jout Jout demonstrando pole dance

Após o final do tópico abordado, Jout Jout volta para falar que as mulheres que fazem o pole dance se transformam ao serem inseridas em um ambiente em que o foco é trabalhar sua sensualidade. Júlia diz que “elas viram um corpo só de união e sororidade”, mudando seu “jeito de se colocar no mundo”. Talvez aí o pós-feminismo esteja cumprindo a função levantada por Arcoverde (2016), de fortalecer o feminismo entre as mulheres e incentivá-las a continuar lutando por direitos.

É interessante pontuar que o pole dance ainda enfrenta resistência para ser reconhecido como esporte. A problemática que gostaria de levantar aqui se baseia na afirmação de que é coerente e necessário falar sobre liberdade feminina, seja no âmbito social, político, sexual, etc.. A liberdade de escolher fazer pole dance, por exemplo. Porém, se essa liberdade deixa de servir à mulher, e passa a servir aos homens, poderia realmente ser considerada liberdade? Ou voltaria a cair na armadilha aprisionadora do pós-feminismo? Podemos usar como exemplo, o fato de que ao procurar por “pole dance” no Google, na primeira página há uma matéria com o título “Porque você deve matricular sua mulher numa escola de Pole Dance”. No vídeo de Jout Jout ela diz que não se trata de sensualizar para um homem, e sim para você mesma, para se convencer de que pode ser sedutora. Ainda assim, não podemos desconsiderar que defender a existência de uma total autonomia de escolha das mulheres como o pós feminismo faz, seria negar a dominação e exploração que as mulheres ainda sofrem por parte dos homens. Ou seja, o feminismo ainda é necessário na contemporaneidade para reivindicar mudanças numa sociedade que não deixou de ser patriarcal e machista.



Figura 7 - Pesquisa do Google com as palavras chave 'pole dance'

Quanto ao segundo vídeo, Jout Jout fala sobre cultura do estupro. Esse é um vídeo de 2015, quando o canal tinha apenas um ano, e foi feito para falar sobre assédio em um contexto específico do momento; Júlia lançou esse vídeo na época (e também por causa) da #primeiroassédio, criada pela ONG Think Olga em apoio a uma menina de 12 anos chamada Valentina menina que foi alvo de comentários de cunho sexual e pedófilo na internet durante sua participação em um reality show de culinária. A hashtag foi utilizada primeiramente no Twitter e a ONG convidou suas nossas leitoras a compartilhar suas histórias de primeiro assédio. Segundo as criadoras do movimento, em uma semana a hashtag foi utilizada mais de 82 mil vezes.

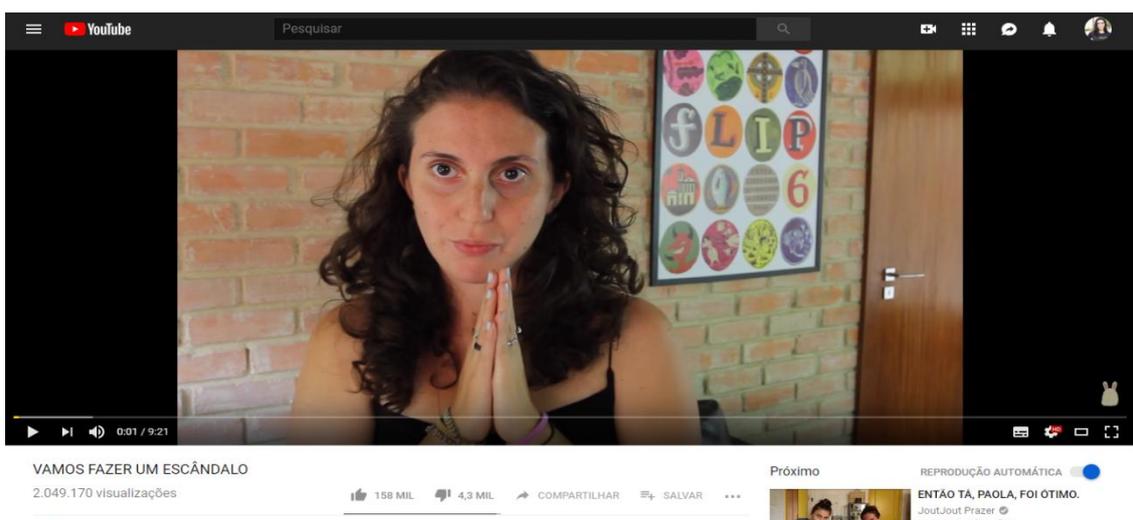


Figura 8 – Jout Jout no vídeo Vamos fazer um escândalo, que tem mais de 2 milhões de views

Para contextualizar o acontecimento, Jout Jout lê algumas das frases de teor sexual direcionadas à Valentina, depois comenta sobre a hashtag, chamando as

mulheres que denunciaram virtualmente suas situações de assédio de “corajosas” e as parabeniza. Júlia ainda conta que esse assunto foi parar em um de seus grupos de WhatsApp, onde todas as suas amigas mais próximas revelaram já terem sido assediadas em algum (ou vários) momentos da vida. Ela conta que ficou chocada de tantas mulheres do seu convívio já terem sofrido com circunstâncias semelhantes e mesmo sendo tão próximas, não terem falado sobre isso com as amigas. Jout Jout aponta que isso é tão comum, que algumas pessoas banalizam e não consideram importante falar sobre. Ela cita que essas ‘pequenas’ violências fazem parte do dia-a-dia de todas as mulheres, depois volta atrás e diz que não pode falar por todas as mulheres, inclusive por aquelas que ela não conhece.

Para explicar sobre abuso sexual, Jout Jout cita alguns dos relatos feitos com a hashtag *#primeiroassédio*. Os relatos são fortes, principalmente para quem já passou por momentos parecidos, mas depois Júlia também fala sobre os abusos que ocorrem de forma mais sutil, que não são “graves o bastante” (e aqui ela faz aspas com os dedos ao falar) para denunciar à polícia. A youtuber em seguida fala que o recurso de fingir que aquilo não aconteceu e imaginar que foi “coisa da sua cabeça” é a pior forma de lidar com um assédio, pois o assediador toma a liberdade de abusar quando supostamente “tem a certeza de que você vai ficar quietinha”, nas próprias palavras dela.

A questão principal que é importante apontar aqui, é que em todas essas situações não é aceitável nem deveria ser justificável uma mulher ser abusada sexualmente. Mesmo que, por medo de retaliação ou qualquer outro motivo, ela ficasse em silêncio e nunca denunciasse o abuso. A frase de Jout Jout é perigosa nesse sentido, por sutilmente culpabilizar a vítima. Ela desconsidera o fato de que há milhões de mulheres no mundo que são estupradas diariamente e não podem denunciar porque são ameaçadas, ou então são crianças ainda sem discernimento, ou mesmo tentaram denunciar, mas nem mesmo a polícia acreditou nelas.

É importante apontar que em nenhum momento Jout Jout cai na visão pós feminista de renegar o feminismo ou considerá-lo um movimento morto, interpretando suas reivindicações como já atendidas. Porém, fazendo jus ao nome do vídeo, logo no final deste ela encoraja as mulheres que forem assediadas, a “fazer um escândalo”, a gritar na rua porque “silêncio nenhum vai te proteger de absolutamente nada”.

Novamente, a frase é problemática porque não engloba as mulheres que não se sentem seguras em denunciar, ou mesmo a contar para alguém próximo sobre o abuso sofrido.

É compreensível que a youtuber cometa alguns erros ao falar sobre determinados assuntos, tanto que no vídeo anteriormente citado *Não é para sair*, ao discutir com Nátaly Neri sobre feminismo, a convidada cita que às vezes as pessoas levantam discussões que “citam um feminismo geral, como se o feminismo fosse o mesmo para todas as mulheres do mundo”. Nesse momento, Jout Jout sinaliza com um recurso de texto na tela a frase “caindo na real”, e usa a fala de Nátaly para criticar irônica e sutilmente “certas pessoas que falam para fazer um escândalo quando forem assediadas”. É interessante mostrar que o espaço de tempo que separa os vídeos é de quatro meses. Nesse meio tempo, Jout Jout já mostra uma evolução em seu pensamento crítico, ao entender que a ideia do pós feminismo de exigir que as mulheres se tornem empenhadas nas suas lutas funciona na teoria, mas na prática há muitas outras variáveis a serem consideradas e muitos paradigmas a serem quebrados antes de todas as mulheres terem a mesma chance de se rebelarem contra o machismo, o assédio, etc; vai ser preciso mais do que apenas coragem para as mulheres estarem seguras.

5.4 Feminismo na Teoria Queer

Iremos analisar agora, como Jout Jout, uma mulher branca, heterossexual, que performa feminilidade se posiciona dentro da teoria Queer em seus vídeos. Os vídeos que julgamos mais proeminentes na aproximação da teoria Queer são: *Isso não é da sua conta*, *Tá se achando livre?* e *As pessoas não estão aí para agradar seu senso estético*. Estes vídeos foram selecionados para apontar onde a teoria Queer emerge por apresentarem conceitos que podem ser interpretados como concordantes em relação a conceitos abordados pelas autoras utilizadas na revisão teórica.

É importante lembrar que a Teoria Queer não é especificamente uma vertente do feminismo. Ela seria um conjunto de interpretações que auxiliaria a pensar melhor as questões da mulher na sociedade e até mesmo o que é ser mulher. O ‘queer’ seria tudo que a sociedade considera anormal e/ou estranho. Como abordado na revisão, a Teoria Queer despontou em meio a uma corrente feminista acadêmica, na qual pesquisadoras buscavam questionar as ciências que partiam do homem para determinar um padrão do

que é normal. Como citado anteriormente por Rago (1998), o indivíduo, fosse homem ou mulher, passa a ser tratado como efeito das limitações culturais. Começa a ser considerado o contexto em que a pessoa está inserida e suas complexidades, surgindo o conceito de gênero para questionar e complementar o conceito de sexo. Portanto, ser mulher não deveria mais ser considerada uma característica inata, determinada biologicamente, mas como uma identidade desenvolvida social e culturalmente.

Ainda inserida nessa corrente acadêmica, a filósofa Butler (2003) considera que as estruturas contemporâneas de significação, ou seja, as matrizes que determinam um indivíduo como feminino ou masculino são limitantes. Estas comprimem as possibilidades de gênero e identificação, forçando uma ‘matriz heterossexual’ que considera apenas a heterossexualidade como normal e aceitável enquanto forma de existência. Além disso, o conceito de sexo citado acima seria usado para criar um determinismo biológico que limita uma pessoa a ser homem ou mulher, legitimando a opressão sofrida historicamente pelas mulheres, afinal há diferenças biológicas naturais que embasam tal opressão.

Dentro da questão da cultura regular as formas de comportamento, a sexualidade e até a vestimenta, uma mulher amar e se relacionar com outras, não se vestir como o padrão determina, não performar a feminilidade que nos é imposta desde a infância, é algo revolucionário. Para Butler, as pessoas só são reconhecidas ao se adequar aos padrões que basicamente só reconhecem dois gêneros: feminino e masculino. Portanto, a identidade, seja ela qual for, expressa um discurso.

Esse discurso de identidade inclui o que Butler chama de atos performativos (usar rosa, ser maternal, ser submissa, etc.), elementos construtores do gênero que, se realizados repetidamente, produzem a aparência de uma “essência” estável, ainda que essa seja equilibrada apenas nas concepções de feminino/masculino e estas também dependam dos atos performativos para existir. Agora, como esses conceitos se apresentam no canal Jout Jout Prazer?

No primeiro vídeo, Jout Jout debate com Jéssica e Debora, youtubers do Canal das Bee, questões sobre o ‘mundo lésbico’, como ela mesma chama. O vídeo é dividido em tópicos que se intercalam, entre falar abertamente sobre sexualidade feminina, tratar das particularidades de relacionamentos entre mulheres e debater assuntos mais sérios como o assédio sofrido especificamente por mulheres lésbicas.



Figura 9 – Debora, Jout Jout e Jéssica, respectivamente

As convidadas começam com a proposta de fazer “esclarecimentos sobre o mundo lésbico”. Elas falam sobre como descobrir que sente atração por mulheres é um evento “cataclísmico”, não só pela dificuldade de se descobrir, se aceitar e se assumir, mas pela intensidade dos sentimentos que surgem todos ao mesmo tempo. Tentando interpretar a fala de Débora, que é quem usa a palavra “cataclisma” para definir a descoberta de sua sexualidade, podemos perceber um significado ainda mais profundo implícito ao nos voltarmos para a teoria de Butler sobre matriz heterossexual; quando uma mulher não se identifica com as limitações de gênero impostas pela sociedade e não se sujeita a uma heterossexualidade compulsória, é compreensível que esse seja um evento revolucionário e, por que não, cataclísmico.

As convidadas também citam situações de assédio pelas quais mulheres lésbicas passam, como ter sua privacidade invadida por homens que insistem em querer “participar” de uma relação entre duas mulheres, o medo de serem agredidas ao dizer “não”, a questão de estupro corretivo. Todas essas situações ocorrem por um motivo em comum, o machismo entranhado na sociedade contemporânea. Como abordado por Butler, o determinismo que separa homens e mulheres baseado puramente em características biológicas, dá aval a situações de opressão e assédio como as relatadas por Débora e Jéssica. Quando Jéssica conta que já ouviu de um homem que só era lésbica “porque não pegou um cara que fez a coisa certa”, ela expõe uma cultura heteronormativa, que só reconhece relacionamentos homem-mulher e os utiliza para respaldar o machismo, além de ignorar outras possibilidades de gênero, identificação e orientação sexual.

Em determinado momento, Débora diz que “tem muita sapatão heteronormativa”; as convidadas explicam que há heteronormatividade presente mesmo em relações lésbicas, onde o casal se comporta como se houvesse “uma parte masculina e uma parte feminina. Debora então pontua que não há a necessidade de uma das partes gostar mais de “reparos da casa, carros, motores”; nesse momento podemos chamar atenção não só para a questão de matriz heterossexual que elas já abordam, mas para os atos performativos. Esses elementos que ela cita, como gostar de carros, são vistos como algo masculino há muito tempo, algo que o próprio feminismo tenta ressignificar. Porém, mesmo dentro de uma relação entre mulheres, que por si só já é algo que desafia os padrões de normalidade impostos pela sociedade, ainda há presença de pequenas opressões criadas pelo machismo. Não é problema gostar de carros, consertar chuveiros e ferramentas em geral, o problema é impor isso à alguém.

Jout Jout fala que “dá para aprender muito sobre comportamentos machistas sendo lésbica” e as convidadas confirmam, dizendo que algumas mulheres reproduzem machismo ao usar mesmo frases como “mulher minha não usa saia curta”. Novamente o machismo brota nas relações, sejam elas hétero ou não. Entretanto, uma possibilidade para entendermos porque essa frase é replicada por uma mulher lésbica é o fato previamente tratado por Butler (2003), de que as pessoas só são reconhecidas quando se adequam a padrões. Ou seja, uma mulher que está em um relacionamento com outra quer ter esta relação reconhecida, portanto, pode ser que ela recrie padrões masculinos para tentar se encaixar.

Por fim, é verificável que Jout Jout, embora dona do canal, se mantém como ouvinte, limitando-se a fazer alguns apontamentos, comparando sua experiência de mulher hétero com a das convidadas, uma lésbica e uma bissexual, mas no geral deixa as duas apresentarem as questões que acham mais relevantes.

No segundo vídeo analisado, chamado *Tá se achando livre?*, Jout Jout usa de um artifício muito comum no canal, que é o de contar uma experiência própria para introduzir o assunto sobre o qual quer realmente falar. O vídeo em questão é o único utilizado nessa análise que não fala especificamente sobre feminismo, machismo e questões que perpassam esses temas, como autoestima, sexualidade, abusos e pequenas opressões. Ele foi selecionado porque, dependendo da interpretação que é feita dele, podemos encontrar diretamente a teoria queer na fala da youtuber.

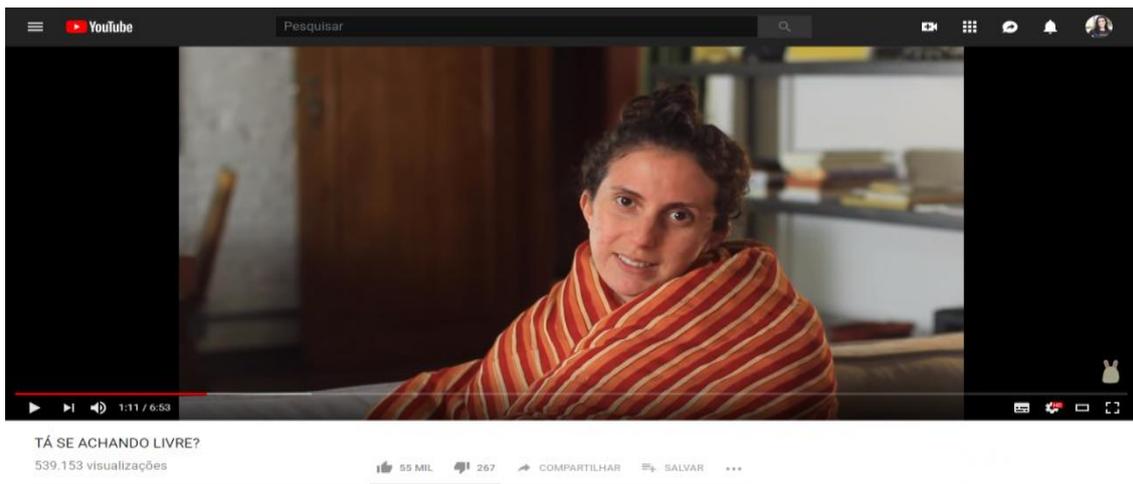


Figura 10 – Jout Jout no vídeo Tá se achando livre?

Logo no início, Júlia pergunta a Caio, que está atrás da câmera, o que ele toma de café da manhã. Ele enumera e depois ela explica o que ela mesma come. No geral, eles falam sobre as mesmas coisas, como café, pão, frutas. Então Júlia começa sua reflexão, dizendo que isso é o que tomamos no café da manhã aqui, mas que em outros lugares é totalmente diferente, como no Acre. Ela então pergunta olhando para a câmera “Qual o café da manhã que tá certo?”. Em seguida, diz que nós, humanos, achamos que somos livres, mas não somos. Ela explica então que foi à uma nutricionista que lhe contou de outra paciente, que ao ser perguntada sobre o que consumia no café da manhã disse que comia pão e café, mas o que queria mesmo era comer uma salada de rabanetes. A nutricionista, por sua vez, perguntou o que a impedia.

Essa situação levou Júlia a se questionar e a fazer o vídeo para dizer que o ser humano só é livre até certo ponto, porque a nossa própria cabeça aprisiona a gente em costumes. Quando ela fala isso, podemos ver que surge novamente a teoria queer no questionamento de uma cultura vigente que regula as formas de viver e se expressar. Porém, embora Júlia diga que esses limites são tiradas da nossa própria cabeça, a teoria mostra que eles são postas ali pela sociedade que nos impõe normas restritivas. A cultura seria tão limitadora como a questão biológica tratada anteriormente, pois ambas determinam nossas formas de comportamento.

Jout Jout explica que comer salada de rabanetes não é um problema, não é um risco nem algo proibido, portanto, o que nos impede? Nesse momento ela usa a frase que determinou a inclusão desse vídeo na análise do canal dentro da teoria queer:

Considerando que isso é uma metáfora para outras coisas que a gente quer fazer, mas a gente se proíbe porque a gente acha que não deve fazer porque não é ‘normal’, não é o costume do povo. Se você expandir essa salada para a vida...

Ou seja, a própria youtuber apresenta seu relato como metáfora, um recurso para ajudar o público a abrir os olhos para outras experiências, outras formas de viver que não se limitem àqueles paradigmas criados e replicados social e culturalmente. Caio dá outro exemplo e Júlia diz que “nós somos desesperados por pertencimento” e que “essas regras são só repetições de coisas que a gente tem visto no mundo”. Novamente emerge a teoria queer, que diz que as pessoas tentam a todo custo se encaixar em padrões para serem reconhecidas enquanto pessoas, realmente. Ela finaliza dizendo que não sabe se somos tão livres como pensamos, que é justamente um dos questionamentos que surgem quando lemos sobre teoria queer. Afinal, se o ‘estranho’ é assim considerado, é porque vivemos em uma zona de conforto pré-determinada do que é ‘normal’.

No terceiro e último vídeo dessa parte da análise, chamado *As pessoas não estão aí para agradar seu senso estético*, Jout Jout volta a levantar questões sobre padrões que nos são impostos e como eles são criações de uma sociedade separatista. Ela começa falando sobre o que estimulou a reflexão, que foi o livro *O paraíso são os outros*, de Valter Hugo Mãe. Neste livro o autor diz que não existem animais feios, e que se você não o acha bonito, talvez você que não saiba ver a beleza que há nele.



Figura 11 – Júlia no vídeo *As pessoas não estão aí para agradar o seu senso estético*

Júlia afirma que se nós ficarmos julgando e dividindo as pessoas entre bonitas e feias, não conseguiremos existir. Ela ainda repete esse pensamento, fazendo o seguinte

questionamento: “Como eu vou existir em um padrão que não vou ter como cumprir?”. Essas palavras carregam um significado que vai além do contexto no qual é dito. Quando a youtuber diz que nós nascemos como somos, que a beleza é subjetiva e que é a sociedade que nos impõe o rótulo de bonito ou feio, lembramos da teoria queer que diz que nossas características não são determinadas apenas pelo aspecto biológico, mas por uma visão gerada culturalmente.

Em outro momento, Jout Jout fala que se determinamos que existe o que é belo e o que é feio, o que é bom e o que é ruim, queremos nos encaixar na beleza. O maniqueísmo desses conceitos nos remete às estruturas de significação criadas pela sociedade para determinar o “normal”, como acontece com a questão do masculino e feminino, com a heterossexualidade. Partir do princípio que só existe uma forma de beleza, e tudo que foge a ela é feio, é como considerar o homem como padrão do que é “correto” e limita outras formas de existência. Por exemplo, quando uma mulher não perfoma o que entendemos por feminilidade (não tem cabelo longo, não usa maquiagem, não usa rosa, etc.), basicamente não realiza atos performativos classicamente femininos, ela é facilmente taxada de feia, mal cuidada, desleixada.

Voltando ao vídeo, Jout Jout diz que é muito injusto criticar a forma de ser de uma pessoa. Ela dá como exemplo falar para alguém que suas orelhas são feias: encaixar as pessoas nos próprios padrões, além de restrigente, é quase irônico, pois, nas palavras dela, é como se o indivíduo dissesse que está “incomodado com seu código genético”. Assim como é defendido pela teoria queer que ser mulher é uma identidade social, a youtuber define que a compleição física de alguém só é determinada como bela ou não de acordo com um padrão sócio-cultural.

É muito possível que Jout Jout não tenha pensado em teoria queer para formular esses pensamentos e questões, mas o objetivo dessa pesquisa é perceber como esses conceitos surgem implicitamente na fala da youtuber. O que se percebe é que ainda Jout Jout não fale em nenhum momento sobre teoria queer, ela a absorve em algum momento e isso emerge em alguns pontos do seu discurso.

5.5 Outros Feminismos

Além das três correntes de pensamento nas quais nos aprofundamos aqui, há muitas outras. O feminismo, como já falado anteriormente, é um movimento catalisador de questionamentos, manifestações e também de mudanças na sociedade. Desde o seu início, no século XIX, surgiram pontos conflitantes, particularidades que estimularam o feminismo a se ramificar em vertentes com o objetivo de considerar questões mais específicas de cada grupo e militar em prol delas.

Por conta disso, lembramos que o feminismo é uma corrente intelectual e um movimento político feito por mulheres diversas, portanto é natural que surjam distinções entre cada grupo. Não é segregacionista considerar separadamente os aspectos singulares que perpassam as experiências de cada mulher, a forma que cada uma vê, sente e interpreta as opressões que sofre.

Portanto, havendo essa distinção de vertentes, reconhecemos que há múltiplos feminismos além dos citados nessa pesquisa, como o feminismo negro, feminismo marxista, transfeminismo. Selecionamos o feminismo interseccional, o pós-feminismo e o feminismo na teoria queer porque, mesmo cada um tendo reivindicações diferentes, são os três conjuntos que melhor auxiliam a entender a realidade do feminismo atualmente. São conjuntos de ideais atuais, que englobam visões diversas mas que acabam se complementando.

O feminismo negro, por exemplo, é outra vertente com questões fortes e presentes na contemporaneidade, porém são questões que perpassam a vertente interseccional. A mesma coisa acontece com o transfeminismo; são correntes que são parcialmente absorvidas na busca por uma maior representatividade de todas as mulheres. A teoria queer por sua vez, embora não seja especificamente um vertente do feminismo, podendo ser interpretada dentro de outras esferas como na luta por direitos dos LGBTQ+, também acaba reunindo e incorporando posturas feministas, criando uma nova forma de se fazer política.

Uma questão que surge ao falarmos sobre outras vertentes que não estão presentes na análise do canal, é sobre o lugar de fala. Sendo Jout Jout uma mulher branca, de classe média, dentro dos padrões estéticos, é mais complicado vê-la falando sobre vertentes muito específicas, como o feminismo negro ou trans. Foi mais adaptável

para a pesquisa utilizarmos o feminismo interseccional para compreender como surgiam as inclusões de vivências diferentes daquelas que a youtuber teve.

Dentre os quinze vídeos selecionados para verificar os posicionamentos do canal, quase metade foi considerado pertencente a outras vertentes que não as três analisadas a fundo. São eles: *Guarda esse piru*, *Garrulitas vulvae*, *Vai de copinho*, *Como minhas celulites ajudaram meus mamilos*, *Mulheres também transam*, *Erro comum* e *Tá, mas como faz isso de se amar?*. Os vídeos foram escolhidos na análise quantitativa para possibilitar a observação da evolução do canal. Os vídeos que não foram divididos entre as vertentes estudadas, assim foram por não terem posicionamentos determinantes para fazermos uma escolha bem orientada. Esses não possuem temáticas ou nuances que possam ser apontadas definitivamente como representantes de vertente X ou Y, visões ainda que feministas, muitos gerais. Talvez essas pudessem ser enquadradas como pós-feminismo, por sua generalidade.

Os sete vídeos citados acima tem uma agenda mais individualista, interpretando a capacidade da mulher atingir a igualdade de gênero através de duas próprias escolhas. Ainda que os conteúdos pareçam se aproximar mais do pós-feminismo, Jout Jout não chega a negar a importância vital do movimento feminista ainda hoje, nem relativiza sofrimentos. Porém, quando assistimos aos vídeos, é compreensível que ela tenha recebido críticas por fazer um feminismo suave. Debater sobre padrões, quebrar estereótipos de beleza, falar sobre sororidade são temas que tem seu espaço e importância, mas não são aqueles que deveriam ter mais espaço. Ter o holofote em cima desses temas acaba tirando o foco da violência que espreita as mulheres. É como a divisão o movimento em ondas, ignorando que ainda há lugares em que as reivindicações de voto do século XIX, por exemplo, ainda não foram atendidas.

Os três primeiros vídeos dessa etapa da análise (*Guarda esse piru*, *Garrulitas vulvae*, *Vai de copinho*) são de 2014, bem no começo do canal. Todos apresentam questões que envolvem a mulher e seu corpo; no primeiro ela fala sobre assédios no transporte público, na época em que uma mulher foi agredida por um homem que ejaculou nela no ônibus; no segundo e terceiro vídeo, Júlia busca naturalizar questões sobre o corpo feminino. Ela não fala sobre feminismo, mas transita entre assuntos que são próprios do movimento.

No quarto vídeo, quinto e sexto vídeo (Como minhas celulites ajudaram meus mamilos, de 2015, Mulheres também transam e Erro comum, de 2016), Júlia faz reflexões que foram estimuladas por experiências vividas pela mesma. Novamente surge um quê de individualismo, utilizado para expor situações de micro-agressões. No caso do quarto vídeo, ela fala sobre a mudança de percepção do próprio corpo, porque ainda que esteja dentro do padrão, ela se incomodava com celulites e estrias, questões que eram consideradas defeitos por ela. É um tópico interessante na esfera pessoal, mas que não provoca mudanças mais significativas num sistema de opressão maior, que vem articulando há décadas a imagem de como uma mulher perfeita deve ser. Entretanto, com a visibilidade que o canal tem hoje, é possível que essa reflexão traga mudança em níveis maiores, começando uma pequena revolução dentro de cada um.

No quinto e no sexto vídeo ela cita situações para falar do machismo entranhado na sociedade. É como se ela falasse a mesma coisa de formas diferente, com outros contextos para explicar um mesmo ponto. Com essa reflexão, percebemos que o canal Jout Jout Prazer vem pregando um feminismo universal desde o começo. No entanto, essas micro-agressões, os ‘pequenos machismos’ se fazem presentes a todo momento e é necessário que sejam combatidos também, ainda mais por não serem vistos como um problema já que são tão comuns e banalizados. Se algumas pessoas relativizam situações extremas como estupro e feminicídio, é fácil que façam o mesmo com os “pequenos assédios”.

No último vídeo, o único de 2018 analisado nessa etapa, Jout Jout novamente traz um evento da sua vida, dessa vez para falar sobre autoestima. Nesse vídeo, diferentemente dos outros, não se nota uma individualidade tão grande porque ela fala não só do próprio trabalho que faz diariamente de se amar, mas traz dicas de como fazê-lo. Ela cita que autoestima é uma construção, e que se cercar de pessoas que te amam pode ajudar. Ela explica que quando está entre amigas, elas não falam sobre defeitos, pois não se importam tanto com padrões de beleza, etc. Nota-se aí uma evolução, pois ainda que fale desses temas, a youtuber não os considera mais os principais assuntos a serem discutidos. Não é uma questão superada, mas que tem o seu lugar dentro de uma esfera maior de problemáticas. Nas palavras dela “não estou falando que é ruim falar sobre seu corpo, mas é sobre o tipo de conversa que se tem sobre ele”.

Além disso, nesse vídeo nota-se uma visão mais ampla do feminismo quando a youtuber relembra citações que outra mulher, com particularidades diferentes das dela, para explicar que é importante vermos pessoas parecidas conosco para nos sentirmos representadas, para criar uma familiaridade e uma afetividade com o que somos. Esse vídeo pode ser um exemplo de como o conteúdo do canal ainda trata de situações gerais, que não são estritas de uma única vertente; mas também mostra como houve uma evolução nesse tratamento de questões da mulher, indo além de uma interpretação individual.

Considerações Finais

Essa pesquisa foi feita com o objetivo de investigar como determinadas vertentes feministas emergem nos vídeos do canal Jout Jout Prazer, quais elementos delas se fazem presentes e de que forma a youtuber os articula e navega entre essas correntes do movimento. Percebemos que mesmo sendo um canal que não tinha como objetivo a defesa do feminismo no início, tornou-se gradativamente um canal assumidamente ativista. O canal tornou-se um veículo de propagação do pensamento feminista.

As redes sociais, enquanto plataformas bem estabelecidas de interação, possibilitam o debate e o compartilhamento de ideias. A utilização de uma rede como o Youtube para publicação de vídeos, levou Jout Jout a falar sobre assuntos que ela considera relevantes, mas que talvez ainda não fossem debatidos o suficiente. Dessa forma, Júlia ressignifica alguns temas ‘tabus’ entre seu público. Ela utiliza o potencial informativo e a visibilidade de seu canal para reinventar uma forma de ‘fazer feminismo’, produzindo um conteúdo altamente propagável ao tratar de assuntos sérios de uma forma mais divertida e didática.

O canal que no começo desta pesquisa tinha 1.735.426 inscritos, em novembro de 2018 já passou dos 2 milhões e não dá sinais de parar de crescer. Junto com ele, cresceu também a gama de assuntos sobre os quais Jout Jout fala, quase sempre perpassando questões feministas. Com os vídeos analisados, percebemos uma evolução no tratamento do feminismo. Se antes Júlia se negava a ‘levantar uma bandeira’, agora ela apresenta mais confiança em trazer temas que deixem claro seus posicionamentos. Seu público também não é apenas receptor, alertando-a de quando ela comete erros ao comentar sobre determinados assuntos, estimulando-a a fazer vídeos de retratação e trazer novas visões sobre os temas.

Quanto ao tipo feminismo do canal, a proposta dessa análise não foi determinar uma vertente e encaixar Jout Jout definitivamente em apenas uma delas. Assim como o próprio feminismo, o canal estudado é um ambiente diverso que busca incluir várias mulheres (e até mesmo homens), e não apenas aquelas que tem vivências e opiniões semelhantes às de Júlia. Ao trazer pessoas diferentes dela mesma, dentre mulheres gordas, negras, Júlia denota uma preocupação com a interseccionalidade, procurando abrir mais espaços para esses indivíduos e deixá-los falarem por si. Ao incluir homens na sua fala e no seu feminismo e reafirmar o poder e a força das mulheres, ela

demonstra uma pendência ao pós-feminismo. Ao considerar importante e falar sobre gênero e experiências não heteronormativas, ela traz nuances da teoria queer para seu ativismo.

Concluimos que, dentro das vertentes escolhidas para analisar o canal Jout Jout Prazer, todas são contempladas. A forma de ativismo da youtuber é potencialmente mais inclusiva por isso, entretanto, ela mesma admite que ‘seu feminismo não chega onde Fátima chega’. Assim como acontece com outras tentativas de conscientização da sociedade acerca da necessidade e benefícios do feminismo, o canal não atinge tantas pessoas como seria o ideal. O feminismo sozinho não consegue mudar um cenário de inúmeras vulnerabilidades que milhares de mulheres passam.

Porém, ao fazer um trabalho informativo sobre o que é o feminismo, o que é abuso, desmistificar questões do corpo feminino e falar abertamente sobre elas, o conteúdo dos vídeos do canal Jout Jout Prazer pode ser libertador no quesito de esclarecer certos temas para mulheres que rechaçam o feminismo sem conhecê-lo. Ainda que existam questões problemáticas mais profundamente enraizadas na sociedade, o machismo, a violência e o patriarcado precisam começar a ser combatidos de alguma forma. E Jout Jout, mesmo fazendo um ‘feminismo leve’ no começo de seu canal, acabou abrindo sua própria visão para abarcar questões mais urgentes, além do batom vermelho e da liberdade sexual.

Por fim, é fundamental deixar claro que as análises e observações feitas poderiam ser feitas de formas diferentes, dependendo da perspectiva. Um vídeo examinado pela ótica da teoria queer poderia ser considerado interseccional, como é o caso do *Isso não é da sua conta*. Um dos objetivos dessa pesquisa, assim como no feminismo, é desenvolver olhares diferentes sobre o mesmo conteúdo, abrangendo o máximo de mulheres que for possível.

Referências

- ARCOVERDE, Mariana Torreão Brito. **Gênero e interseccionalidade: chaves de leitura para um feminismo latino-americano**. Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2016
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo, Aleph, 2009.
- CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CIRIACO, Douglas. **Mais de 4 bilhões de pessoas usam a internet ao redor do mundo**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/126654-4-bilhoes-pessoas-usam-internet-no-mundo.htm>>. Acesso em 13 agosto 2018.
- COSTA, Claudia de Lima Costa. **O sujeito no feminismo: revisitando os debates**. Cadernos pagu, n. 19, 2002: pp.59-90.
- COELHO, Mariana. **História(s) do feminismo ou o feminismo na história? A evolução do feminismo: subsídios para sua história**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. 2. ed. 392 p.
- CORUJA, Paula. **EXPRESSÕES DO(S) FEMINISMO(S): Discussões do público com a youtuber Jout Jout**. 2017, 225 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS.
- CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color**. *Stanford Law Review*, Vol. 43, No. 6 (Jul., 1991), pp. 1241-1299. Tradução: <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1ª edição, 2016
- DORNELLES, Juliano Paz. **O fenômeno Vlog no Youtube: análise de conteúdo de**

Vloggers brasileiros de sucesso. 2015.104 f. Porto Alegre, 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul.

ESCOTESGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa.** Porto Alegre, EDIPUCRS, 2008. 173 p.

HAWKESWORTH, Mary. **A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista.** Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 272, p. 737 – 763, setembro-dezembro/2006

HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença.** Mediações, Londrina, v. 20 n. 2, p. 97-128, Jul./Dez. 2015

HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** São Paulo: Editora ALEPH, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LANA, Lúcia Campos de Cerqueira. **Heroínas pós-feministas: as contradições da produção audiovisual feminina no YouTube.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 25, nº. 3: 530, p. 1359 – 1351, setembro-dezembro/2017

LEMO, Andre. LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

MATOS, Marlise. **Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um *campo novo* para as ciências.** Estudos Feministas, Florianópolis, 16(2): 440, p. 333 – 357, maio-agosto/2008

MCROBBIE, Angela. **Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero** In: CURRAN, James; MORLEY, David. **Media and Cultural Theory.** London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69. Tradução: Márcia Rejane Messa MACEDO, Ana Gabriela. **Pós Feminismo.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, nº. 3: 272, p. 813 – 817, setembro-dezembro/2006

MEILI, Angela Maria. **O Audiovisual na Era YouTube: Pro-Amadores e o Mercado.** Sessões do Imaginário, Rio Grande do Sul, ano XVI, n. 25, p. 52-59, 2011-1.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

RAGO, Margareth. **EPISTEMOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HISTÓRIA**. Revista Masculino, Femino e Plural. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. **A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede**. Revista Redes, No 11 (2015) > Tomazetti

TOMAZETTI, Tainan Pauli; BRIGNOL, Liliane Dutra. **A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede**. Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación,n. 11, p. 26-54, 2015.

TOLEZANO, Júlia. **Tá todo mundo mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.